UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
(UNESP) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ANDREA CAROLINA VILLAMAR MERINO

A PERDA DE PRIVACIDADE DE NATIVOS DIGITAIS E OS DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: ESTUDO DE CASO ENTRE JOVENS DO EQUADOR

BAURU

2025

ANDREA CAROLINA VILLAMAR MERINO

A PERDA DE PRIVACIDADE DE NATIVOS DIGITAIS E OS DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: ESTUDO DE CASO ENTRE JOVENS DO EQUADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Raquel Cabral.

BAURU

2025

ANDREA CAROLINA VILLAMAR MERINO

A PERDA DE PRIVACIDADE DE NATIVOS DIGITAIS E OS DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: ESTUDO DE CASO ENTRE JOVENS DO EQUADOR

Área de Concentração: COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

Linha de Pesquisa: PROCESSOS MIDIÁTICOS E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

Prof.ª Dr.ª Raquel Cabral
(presidenta e orientadora)
Departamento de Audiovisual e Relações Públicas (DARP)
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Banca examinadora:

Profª Dra. Bettina Martino
Universidad Nacional de Cuyo (UNCUYO) – Argentina

Profª Dra. Juliana Colussi
Universidad Rey Juan Carlos – España
Programa de Posgrado en Ciencias de la Comunicación

Villamar Merino, Andrea Carolina.
A perda de privacidade de nativos digitais e os discursos de ódio nas redes sociais: estudo de caso entre jovens do Equador / Andrea Carolina Villamar Merino. – Bauru, 2025
f.: 85.

Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Prof.ª Dra.ª Raquel Cabral

1. Comunicação. 2. Privacidade Digital. 3. Redes sociais. 4. Discursos de ódio. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. A perda de privacidade de nativos digitais e os discursos de ódio nas redes sociais: estudo de caso entre jovens do Equador.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANDREA CAROLINA VILLAMAR MERINO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 30 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 14h, no(a) meet.google.com/vgf-jhfj-dck, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ANDREA CAROLINA VILLAMAR MERINO, intitulada **A perda de privacidade de nativos digitais e os discursos de ódio nas redes sociais: estudo de caso entre jovens do Equador.** A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Doutora RAQUEL CABRAL (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Audiovisual e Relações Públicas / Universidade Estadual Paulista Faculdade de Arquitetura Artes Comunicação e Design, Professora Doutora BETTINA ANDREA MARTINO (Participação Virtual) do(a) Facultad de Ciencias Políticas y Sociales / Universidad Nacional de Cuyo, Professora Doutora JULIANA COLUSSI RIBEIRO (Participação Virtual) do(a) Cátedra Unesco de Investigación en Comunicación / Universidad Rey Juan Carlos. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final:_ APROVADA _ _ _ _ . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professora Doutora RAQUEL CABRAL

gov.br Documento assinado digitalmente
RAQUEL CABRAL
Data: 30/09/2025 17:39:24-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

AGRADECIMENTOS

"Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar" Josué 1:9

Meu eterno agradecimento a Deus, primeiramente, por ser o motor e a base da minha vida. Por me dar força e coragem para me aventurar em um país completamente desconhecido, o Brasil, e por me sustentar em cada passo. Cheguei sem falar português e aprendi no dia a dia, sempre com a Sua ajuda e presença. Assim, vi Sua mão em cada passo que dei. De verdade, obrigada, Deus.

À minha família, meu apoio constante e meu refúgio seguro. Obrigada por estarem presentes nos momentos bons e nos desafiadores e por sempre acreditarem em mim. Sem dúvida, eu não teria conseguido fazer tudo isso sem vocês.

Aos meus amigos, os que permaneceram, os que se afastaram e os que chegaram ao longo do caminho, obrigada por fazerem parte da minha vida e por contribuírem para que eu chegasse até aqui. Sou grata por suas vidas e por tê-los por perto.

A cada professor(a) do mestrado na Unesp, em especial à minha orientadora, Raquel Cabral, por toda a paciência, orientação e apoio. A cada professor(a) da banca de qualificação e de defesa final da dissertação, e a cada professor(a) da Universidad San Francisco de Quito, no Equador, por me oferecerem apoio para a realização desta pesquisa.

Ao Brasil, por ter sido meu segundo lar durante dois anos e por tudo o que me ensinou. Cada lugar e cada pessoa fazem parte da minha história e permanecem guardados no meu coração.

Ao Equador, meu país, que sempre me recebeu de braços abertos e ao qual pertenço com orgulho.

Este percurso foi muito mais do que a elaboração de uma pesquisa acadêmica; foi uma experiência de resiliência, dedicação e fé, que me ensinou que o esforço constante e o apoio das pessoas certas tornam possível alcançar grandes objetivos. Grandes sonhos se realizam quando a fé é maior que o medo e a perseverança vence o cansaço. Hoje, colho os frutos de um caminho trilhado com coragem e gratidão.

Espero, sinceramente, que esta pesquisa possa servir a muitos, especialmente no contexto da sociedade digital em que vivemos, que a cada dia mais necessita compreender os impactos da perda de privacidade nas redes sociais e dos discursos de ódio.

"A internet não é o problema. O problema é o que fazemos com ela."
— **Manuel Castells**, adaptação a partir de *A sociedade em rede* (2009)

VILLAMAR, Andrea. **A perda de privacidade de nativos digitais e os discursos de ódio nas redes sociais: estudo de caso entre jovens do Equador.** 2025. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2025.

RESUMO

A perda de privacidade nas redes sociais constitui um problema global com impacto acentuado entre os nativos digitais. Esse fenômeno gera consequências físicas, emocionais e psicológicas, como *cyberbullying*, difamação, assédio e captura de dados, e se agrava diante da exposição a discursos de ódio, que ampliam a discriminação, a polarização e a violência simbólica nos ambientes digitais. Esta pesquisa teve como objetivo compreender o impacto da perda de privacidade e da exposição a discursos de ódio entre jovens nativos digitais do Equador. O percurso metodológico envolveu três etapas: revisão bibliográfica, realização de uma tertúlia dialógica com estudantes universitários de 18 a 25 anos na cidade de Quito e análise de conteúdo dos relatos coletados. Os resultados revelaram que a privacidade e o discurso de ódio configuram uma dinâmica interdependente, marcada pela superexposição, por vulnerabilidades estruturais e por lógicas algorítmicas que ampliam riscos e desigualdades. Tais impactos extrapolam o espaço virtual, afetando dimensões emocionais, sociais e políticas da vida dos jovens. Observou-se, ainda, que à medida que a rede se torna mais social, a sociabilidade se torna mais tecnificada e o íntimo se transforma em público, redefinindo as formas de reconhecimento digital. Conclui-se que é urgente promover políticas públicas, estratégias educativas e práticas tecnológicas éticas que fortaleçam a segurança e a autonomia digital. Como limitação, reconhece-se o recorte temporal da pesquisa, dado o rápido ritmo de transformação do ecossistema digital, o que sugere a necessidade de estudos futuros sobre o tópico, ou inclusive estudos que aprofundem temas como racismo e sexismo recreativo, performatividade e a relação entre discurso e violência.

Palavras-chave: comunicação; privacidade digital; redes sociais; discursos de ódio; nativos digitais.

ABSTRACT

The loss of privacy on social networks constitutes a global problem with a particularly strong impact among digital natives. This phenomenon generates physical, emotional, and psychological consequences — such as cyberbullying, defamation, harassment, and data theft — and is aggravated by exposure to hate speech, which amplifies discrimination, polarization, and symbolic violence in digital environments. This research aimed to understand the impact of privacy loss and exposure to hate speech among young digital natives in Ecuador. The methodological approach involved three main stages: a literature review, a dialogic gathering (*tertúlia dialógica*) with university students aged 18 to 25 in the city of Quito, and a content analysis of the collected narratives. The results revealed that privacy and hate speech form an interdependent dynamic, characterized by overexposure, structural vulnerabilities, and algorithmic logics that increase risks and inequalities. These impacts extend beyond the virtual space, affecting the emotional, social, and political dimensions of young people's lives. Furthermore, it was observed that as the network becomes more social, sociability becomes more technified, and intimacy turns into publicity, redefining the forms of digital recognition. It is concluded that there is an urgent need to promote public policies, educational strategies, and ethical technological practices that strengthen digital safety and autonomy. As a limitation, the study recognizes its temporal scope, given the rapid pace of transformation of the digital ecosystem, which suggests the need for further research on this topic or more in-depth studies addressing recreational racism and sexism, performativity, and the relationship between discourse and violence.

Key-words: communication; digital privacy; social media; hate speech; digital natives.

RESUMEN

La pérdida de privacidad en las redes sociales constituye un problema global con un impacto especialmente fuerte entre los nativos digitales. Este fenómeno genera consecuencias físicas, emocionales y psicológicas, como el *cyberbullying*, la difamación, el acoso y la captura de datos, y se agrava con la exposición a discursos de odio, que amplifican la discriminación, la polarización y la violencia simbólica en los entornos digitales. Esta investigación tuvo como objetivo comprender el impacto de la pérdida de privacidad y la exposición a discursos de odio entre jóvenes nativos digitales en Ecuador. El recorrido metodológico se desarrolló en tres etapas principales: una revisión bibliográfica, la realización de una tertulia dialógica con estudiantes universitarios de entre 18 y 25 años en la ciudad de Quito y un análisis de contenido de los relatos recolectados. Los resultados revelaron que la privacidad y el discurso de odio configuran una dinámica interdependiente, caracterizada por la sobreexposición, las vulnerabilidades estructurales y las lógicas algorítmicas que amplían los riesgos y las desigualdades. Estos impactos trascienden el espacio virtual, afectando las dimensiones emocionales, sociales y políticas de la vida de los jóvenes. Asimismo, se observó que, a medida que la red se vuelve más social, la sociabilidad se vuelve más tecnificada y lo íntimo se transforma en público, redefiniendo las formas de reconocimiento digital. Se concluye que es urgente promover políticas públicas, estrategias educativas y prácticas tecnológicas éticas que fortalezcan la seguridad y la autonomía digital. Como limitación, se reconoce el recorte temporal de la investigación, dado el rápido ritmo de transformación del ecosistema digital, lo cual sugiere la necesidad de futuras investigaciones sobre este tema o estudios más profundos que aborden conceptos como el racismo y el sexismo recreativo, la performatividad y la relación entre discurso y violencia.

Palabras clave: comunicación; privacidad digital; redes sociales; discursos de odio; nativos digitales.

Potencial Impacto Social desta Dissertação de Mestrado

A partir do que indica a **Portaria Unesp 117/2022, de 21 de dezembro de 2022, e a Instrução Normativa AT/PROPG nº 02, de 22 de dezembro de 2022**, se apresenta o potencial impacto social esperado pela pesquisa aqui desenvolvida e apresentada nesta dissertação de mestrado.

No contexto das redes sociais digitais, os jovens nativos digitais estão constantemente expostos a situações de risco relacionadas à perda de privacidade e à propagação de discursos de ódio. Esses fenômenos podem gerar consequências significativas para sua saúde emocional e mental, afetando suas relações sociais, percepção de si mesmos e participação cidadã. Além disso, a falta de conscientização sobre os riscos digitais pode levar a situações de *cyberbullying,* assédio virtual, falsificação de identidade e abusos psicológicos ou emocionais, comprometendo o bem-estar dos jovens de forma ampla e profunda.

Esta pesquisa busca compreender de maneira detalhada esses fenômenos, investigando como a exposição digital e os discursos de ódio impactam as experiências e interações dos nativos digitais. Ao analisar percepções reais dos jovens, espera-se identificar fatores de vulnerabilidade e oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias educativas, políticas públicas e iniciativas de conscientização que promovam a proteção e segurança desses indivíduos no ambiente digital.

Dessa forma, os resultados da pesquisa contribuem para fortalecer o bem-estar e a saúde mental dos jovens, proporcionando informações que possam orientar ações preventivas e educativas. Assim, esta dissertação se alinha diretamente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 3 – Saúde e bem-estar da Agenda 2030 da ONU, especialmente à meta que busca promover a saúde mental e o bem-estar de todas as pessoas, prevenindo impactos prejudiciais associados ao uso inseguro das tecnologias digitais e fortalecendo a qualidade de vida das novas gerações.

Além disso, esta pesquisa é particularmente relevante para a comunidade de comunicadores, uma vez que aborda temas contemporâneos e de grande impacto social, que estão transformando profundamente a forma como nos relacionamos, produzimos e consumimos informação. Ao compreender os desafios da perda de privacidade e dos discursos de ódio nas redes digitais, os profissionais de comunicação podem desenvolver práticas mais éticas, seguras e conscientes, contribuindo para a formação de ambientes digitais mais responsáveis e para a promoção de uma comunicação comprometida com o bem-estar coletivo.

Social Impact of this research

Based on the provisions of **Portaria Unesp 117/2022, of December 21, 2022, and Instrução Normativa AT/PROPG nº 02, of December 22, 2022,** the expected social impact of the research developed and presented in this master's dissertation is presented.

In the context of digital social networks, digital native youth are constantly exposed to risk situations related to the loss of privacy and the spread of hate speech. These phenomena can generate significant consequences for their emotional and mental health, affecting their social relationships, self-perception, and civic participation. Furthermore, the lack of awareness about digital risks can lead to situations of cyberbullying, online harassment, identity forgery, and psychological or emotional abuse, broadly and deeply compromising the well-being of young people.

This research seeks to understand these phenomena in detail, investigating how digital exposure and hate speech impact the experiences and interactions of digital natives. By analyzing the real perceptions of young people, it is expected to identify vulnerability factors and provide support for the development of educational strategies, public policies, and awareness initiatives that promote the protection and safety of these individuals in the digital environment.

In this way, the results of the research contribute to strengthening the well-being and mental health of young people, providing information that can guide preventive and educational actions. Thus, this dissertation is directly aligned with Sustainable Development Goal (SDG) 3 – Health and Well-being of the UN 2030 Agenda, especially the target that seeks to promote mental health and well-being for all people, preventing negative impacts associated with the unsafe use of digital technologies and strengthening the quality of life of new generations.

In addition, this research is particularly relevant to the community of communicators, as it addresses contemporary issues of great social impact, which are profoundly transforming the way we relate, produce, and consume information. By understanding the challenges of privacy loss and hate speech in digital networks, communication professionals can develop more ethical, safe, and conscious practices, contributing to the creation of more responsible digital environments and to the promotion of communication committed to collective well-being.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação entre os objetivos específicos e o respectivo método de pesquisa 54

Quadro 2: Proposta de facilitação da tertúlia dialógica 58

Quadro 3: Categorias análise de conteúdo 64

Quadro 4: Resumo análise de conteúdo 71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Número de permissões concedidas pelo usuário em cada rede social 42

Figura 2: Permissões concedidas pelo usuário 43

Figura 3: A autora com tudo pronto e interagindo com os estudantes 59

Figura 4: A autora fazendo a exposição para gerar aproximação 60

Figura 5: Slides utilizados 61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 18

1. A NOVA CULTURA EM REDE: OS “NATIVOS DIGITAIS” E AS CONSEQUÊNCIAS DO MUNDO DIGITAL **23**

1.1. Nova cultura em rede e socialização 23

1.2. Rede, relações complexas e nativos digitais 27

1.2.1. Os benefícios da nova cultura para os "nativos digitais" 28

1.2.2. As ameaças da nova cultura para os "nativos digitais" 29

1.2.2.1. Perda de privacidade e discursos de ódio 31

2. REDES SOCIAIS DIGITAIS: O IMPACTO NA COMUNICAÇÃO E A CRISE DA PRIVACIDADE **35**

2.1. Plataformas mais utilizadas por jovens 35

2.1.1. Facebook 37

2.1.2. Youtube 38

2.1.3. Whatsapp 38

2.1.4. Instagram 39

2.1.5. Tiktok 40

2.1.6. Tinder 40

2.2. Privacidade da cultura em rede 41

2.3. Casos de perda de privacidade nessas plataformas 44

2.3.1. Perda de privacidade no Facebook 46

2.3.2. Perda de privacidade no Instagram 46

2.3.3. Perda de privacidade no Whatsapp 47

2.3.4. Perda de privacidade no Tiktok 48

2.3.5. Perda de privacidade no Tinder 49

3. PERCURSO METODOLÓGICO **51**

3.1. Tertúlia dialógica 52

4. A APLICAÇÃO DO MÉTODO **54**

4.1. Aplicação da Pesquisa Bibliográfica 55

4.2. Aplicação da Tertúlia Dialógica 56

4.3. Aplicação do Análise de Conteúdo 63

4.4. Análise e Interpretações 64

4.4.1. Percepção sobre a privacidade digital 65

4.4.2. Experiências pessoais de invasão de privacidade 66

4.4.3. Convivência com discursos de ódio 67

4.4.4. Relação contraditória com as redes sociais 68

4.4.5. Educação digital e alfabetização crítica 69

4.5. Quadro resumo 70

4.6. Depoimentos marcantes da tertúlia 72

4.7. Síntese final 73

CONSIDERAÇÕES FINAIS **75**

REFERÊNCIAS **78**

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, cada nova geração se desenvolveu em diferentes âmbitos ou contextos que afetaram seu desempenho no mundo como seres sociais. Atualmente, existe um fator predominante nas novas gerações, segundo vários autores dedicados ao estudo da "era digital", que afirmam terem nascido imersos em um mundo totalmente virtual, tendo acesso a várias tecnologias das quais aproveitaram todas as possibilidades de comunicação e socialização. No contexto desta sociedade da informação estão as redes sociais, que assumiram o controle da vida da maioria dos jovens e, apesar de terem sido inicialmente projetadas com o objetivo de "gerar interação", é importante ressaltar que não estão isentas de brechas tecnológicas que permitem a produção de problemas que afetam relacionamentos, a própria percepção de seus usuários como indivíduos, sua relação com o mundo, além dos discursos que incitam o ódio com graves consequências para suas vítimas.

As transformações introduzidas pela era digital reconfiguraram as práticas comunicativas, as formas de sociabilidade e os modos de construção identitária dos jovens. Em contextos nacionais, como o equatoriano, a penetração da Internet e das redes sociais é elevada. Em 2023, o Equador registrou um índice de acesso à internet de internet superior a 80% da população e mais de 13 milhões de usuários de redes sociais (DATAREPORTAL, 2023), o que implica que grande parte dos jovens navegam, consomem informação e se relacionam prioritariamente em ambientes digitais. Esses altos níveis de conectividade aumentam a exposição de dados pessoais e ampliam as oportunidades de interação, mas também potencializam riscos associados à perda de privacidade e à circulação de discursos de ódio, tornando o tema de evidente relevância social e de saúde pública.

Nesse contexto, é importante destacar a definição de "nativos digitais". O termo foi cunhado por Marc Prensky (2001) para designar indivíduos que nasceram e cresceram imersos em tecnologias digitais e ambientes de rede, adquirindo desde cedo modos de aprendizagem e socialização mediados por essas tecnologias. No escopo desta pesquisa, adotamos como referência a faixa etária dos 18 aos 25 anos, jovens que vivenciaram a emergência das plataformas sociais em sua formação pessoal e social, o que justifica investigá-los como um grupo com padrões específicos de uso, percepções sobre privacidade e vulnerabilidades próprias frente a práticas abusivas online.

Além disso, é necessário considerar que as plataformas digitais não são meramente espaços neutros de encontro: operam segundo arquiteturas algorítmicas e modelos de negócio que moldam o que os usuários veem, por quanto tempo permanecem online e que tipo de

conteúdo é amplificado. Estudos críticos sobre a economia de dados demonstram que práticas de coleta massiva e monetização de comportamentos, o chamado *capitalismo de vigilância*, transformando dados pessoais em mercadoria e configuram mecanismos que podem intensificar a exposição e a reapresentação de conteúdos ofensivos ou polarizadores (Zuboff, 2019). Assim, para compreender a ocorrência de discursos de ódio e perdas de privacidade entre os nativos digitais é imprescindível analisar o papel dos algoritmos, das políticas de moderação das plataformas (Van Djick, 2016) e das estratégias comerciais das empresas tecnológicas.

Os efeitos decorrentes da perda de privacidade e dos discursos de ódio ultrapassam o plano individual e reverberam em esferas coletivas, como escolas, famílias, espaços de trabalho e a esfera pública, comprometendo bem-estar e inclusão. Por isso, investigar esse tema contribui para propor intervenções educativas, ferramentas de design de plataformas mais seguras e políticas públicas informadas, alinhando a pesquisa acadêmica com objetivos de promoção da saúde e proteção social e fornecendo subsídios para atuação profissional em comunicação, educação e regulação digital.

Importante destacar que esta pesquisadora e autora desta dissertação de mestrado é natural de Quito, Equador, e formou-se em Comunicação e Relações Públicas, com especialização em Publicidade. Ao se graduar, realizou uma pesquisa e desenvolveu uma campanha de alfabetização digital intitulada *"Suas redes, suas regras: por um espaço virtual seguro"*, com o objetivo de promover o uso consciente e informado das redes sociais e prevenir a perda de privacidade. Profissionalmente, atuou em diversas agências de comunicação, gerenciando projetos e clientes voltados para comunicação digital, o que lhe permitiu compreender, na prática, a importância desses temas. Além disso, ao observar experiências próximas de pessoas afetadas pela exposição e vulnerabilidade nas redes, sentiu-se motivada a aprofundar sua pesquisa sobre os riscos digitais e o comportamento dos jovens nativos digitais, um tema de grande relevância social e comunicacional.

Essas reflexões nos levam a considerar **nosso problema de pesquisa,** que se baseia na seguinte questão: os nativos digitais, jovens entre 18 a 25 anos de idade na atualidade, que nasceram no contexto do auge da Internet, estão mais suscetíveis a situações em que são vítimas de violência, envolvendo a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes sociais digitais.

Partindo desse questionamento, esta pesquisa tem como **objetivo geral** compreender e investigar o fenômeno dos discursos de ódio e perda de privacidade de nativos digitais nas redes sociais do Equador**.** Este objetivo nasce a partir das reflexões de que os discursos de ódio estão cada vez mais visíveis no espaço virtual e que a privacidade dos usuários se tornou tão exposta que a intimidade pessoal se transformou num ente quase inexistente, devido à falta de

consciência e sensibilização acerca dos conflitos que podem surgir a partir da exposição de dados pessoais. Isso pode prejudicar principalmente os usuários mais jovens, pois sendo considerados "nativos digitais" (Prensky, 2001)[1], como categorizados em vários estudos, não compreendem os riscos físicos, psicológicos e sociais aos quais estão expostos.

Nossa hipótese se baseia no entendimento de que a facilidade de conexão dessas redes leva muitos jovens a se relacionarem com pessoas desconhecidas do mundo virtual, sem terem consciência do uso indevido que podem fazer com seus dados pessoais, fotos e mensagens, uma vez que, apesar de as redes sociais terem políticas de privacidade, muitas vezes, são ignoradas pelos usuários. Este é um dos principais inconvenientes, já que para os adolescentes, a internet é um mundo "anônimo", no qual o que se compartilha, diz ou publica os convida a viver em uma espécie de esfera social fantástica e inexistente, como afirmam os pesquisadores Cabo e García (2017). Devido a esse equívoco de entendimento sobre os efeitos nocivos das redes sociais digitais na vida de jovens e adolescentes, começam a se desenvolver conflitos que requerem muita atenção, como o cyberbullying[2], a produção de discursos de ódio, assédios, falsificação de identidade, abusos verbais, emocionais e físicos, a perda total da privacidade, entre outros (Cabra-Torres; Marciales-Vivas, 2009; Méndez; Rodríguez, 2011; Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011, Imbert, 2011; Cabo e García, 2017). E, lamentavelmente, muitas dessas consequências levarão, mais cedo ou mais tarde, a outras repercussões maiores, que se prevenidas de maneira assertiva poderiam ser evitadas a tempo.

Nesta perspectiva, para colaborar para a realização do objetivo geral, os **objetivos específicos** desta pesquisa são: a) investigar e analisar referências teóricas sobre a perda de privacidade e discursos de ódio nas redes digitais; b) examinar se existe uma correlação entre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes digitais; c) investigar e analisar, junto a jovens nativos digitais entre 18 e 25 anos do Equador, o impacto da perda de privacidade e dos discursos de ódio em suas interações nas redes sociais digitais.

[1] A expressão "Nativos Digitais" foi cunhada em 2001 por Marc Prensky para se referir às pessoas, especialmente estudantes, que nasceram na era da tecnologia, resultado da expansão surpreendentemente marcada por dispositivos eletrônicos, como computadores, videogames, música digital, vídeos, telefones celulares e outros artefatos (Paradigma, 2010, p.5, tradução nossa).

[2] O termo "cyberbullying" foi cunhado por Belsey (2004), que o definiu como uma forma de assédio que utiliza as tecnologias da informação e comunicação (TICs) – entre elas o e-mail, os celulares, os fóruns, as mensagens de texto instantâneas (SMS) e outras redes sociais virtuais – com fins difamatórios e/ou para apoiar o comportamento hostil, deliberado e repetitivo de um indivíduo ou grupo com o objetivo de prejudicar outra pessoa (Aparain, 2019, p. 115, tradução nossa).

Para atingir os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem metodológica mista, integrando pesquisa bibliográfica e a realização de uma tertúlia dialógica (Jesús Gómez, 2003; Carmen Elboj, 2003; Paulo Freire, 1997; Jürgen Habermas, 1987) com jovens nativos digitais equatorianos (18 a 25 anos), cujas falas foram examinadas por meio da técnica de análise de conteúdo. Essa combinação permitiu, por um lado, construir um referencial teórico sobre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes sociais, e, por outro, captar percepções e experiências reais desse grupo, possibilitando uma análise aprofundada e contextualizada dos fenômenos estudados.

Desse modo, esta pesquisa é relevante em âmbito social, pois busca o bem-estar e segurança dos jovens no contexto das redes sociais digitais, por meio do estudo e análise das problemáticas existentes no mundo em rede e suas consequências para as vítimas, além de contribuir com meios mais efetivos para cuidá-las. Sendo assim, esta pesquisa contribui para o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) #3, que busca "garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades" (Nações Unidas Brasil, 2025, s/p), uma vez que a qualidade de vida e bem-estar passa pela segurança social, emocional e psicológica que pessoas necessitam em todas as fases da vida.

Finalmente, para os comunicadores, é relevante tratar deste tema, uma vez que atualmente a divulgação e as principais fontes de informação são digitais. Além disso, esta pesquisa contribui significativamente para a literatura acadêmica sobre o tema, pois também busca reunir e analisar referenciais teóricos relevantes sobre a perda de privacidade nas redes sociais digitais e colaborar com a compreensão mais crítica e aprofundada dessa problemática.

Nesse sentido, o primeiro capítulo aborda a nova cultura em rede e a transformação da socialização no mundo digital, destacando como a Internet mudou radicalmente a forma como as pessoas se comunicam e interagem (Ribeiro, 2002). A evolução da comunicação, antes unidirecional e controlada pelos meios tradicionais, deu lugar a um modelo participativo com a Web 2.0, pelo qual o usuário assume um papel ativo na criação e disseminação de conteúdo (Prato, 2010; Amado et al., 2019). Nesse contexto, surge o conceito de "nativos digitais" (Prensky, 2001), jovens que cresceram imersos na tecnologia e desenvolveram novas formas de aprendizagem, socialização e consumo de informação (Boschma, 2007). No entanto, podemos inferir que essa cultura digital tem potencial para produzir benefícios, como acesso ilimitado à informação e novas formas de participação social (Imbert, 2011), mas também desafios, como a dependência da conectividade e os impactos na privacidade (Van Dijck, 2016). Este primeiro capítulo da dissertação explora essas mudanças e suas implicações para a sociedade contemporânea.

No segundo capítulo o foco será para o estudo das redes sociais e sua transformação na comunicação digital, com ênfase na perda de privacidade associada a elas, especialmente envolvendo jovens e adolescentes. A partir dos estudos de Castells (2009) sobre comunicação digital e de Boyd (2014) sobre identidade juvenil, o capítulo abordará plataformas populares entre os jovens, como Facebook, YouTube, WhatsApp, Instagram, TikTok e Tinder, destacando suas características, usos e a relação dos jovens com elas. Também será discutida a privacidade na cultura digital, com base nas reflexões de Zuboff (2019) sobre vigilância e segurança online. Além disso, serão discutidos os benefícios e desafios de cada plataforma, ilustradas com relatos de usuários que sofreram com a perda de privacidade.

No terceiro capítulo são expostas as bases e escolhas metodológicas que orientam esta investigação, de natureza qualitativa e exploratória (Creswell, 2007; Gil, 2008). Detalha-se a integração entre pesquisa bibliográfica e a metodologia da tertúlia dialógica, explorada em profundidade por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011).

O quarto capítulo descreve a operacionalização prática da investigação, bem como os procedimentos de coleta e organização do material empírico, assegurando rigor científico e coerência entre os objetivos e a abordagem adotada. Também é apresentado o contexto e a dinâmica da tertúlia dialógica, incluindo a preparação do encontro, a condução das discussões e as estratégias utilizadas para garantir a participação ativa e espontânea dos sujeitos. Além disso, procede-se à análise de conteúdo dos dados coletados, à luz do referencial teórico previamente construído. As falas dos participantes são organizadas e discutidas a partir de categorias analíticas definidas com base nos estudos sobre privacidade digital (Zuboff, 2019; Van Dijck, 2016) e discursos de ódio em ambientes virtuais (Silva, 2020), permitindo identificar padrões, conexões e implicações sociais relevantes. Esta etapa visa compreender em profundidade as percepções dos jovens sobre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes sociais, além de problematizar o impacto dessas experiências em sua vida cotidiana.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais são sintetizados os principais resultados, discutem-se as implicações da pesquisa e indicam-se possíveis caminhos para estudos futuros. Este encerramento retoma os objetivos propostos, articula-os com as evidências encontradas e reforça a relevância social e acadêmica do trabalho, contribuindo para o debate contemporâneo sobre segurança, privacidade e convivência no ambiente digital.

1. A NOVA CULTURA EM REDE: OS “NATIVOS DIGITAIS” E AS CONSEQUÊNCIAS DO MUNDO DIGITAL

Neste capítulo exploramos como a Internet transformou radicalmente a comunicação e a socialização dos indivíduos, dando origem a uma nova cultura digital. Analisamos a transição da comunicação unidirecional para a interatividade da Web 2.0, que empoderou os usuários como produtores de conteúdo e redefiniu o conceito de sociabilidade. Também abordamos o impacto das redes sociais na forma como os indivíduos se relacionam, bem como a ascensão dos "nativos digitais", uma geração que cresceu em meio a avanços tecnológicos e desenvolveu novas habilidades de interação. Por fim, examinamos as consequências dessa cultura digital, destacando tanto os benefícios como o acesso ilimitado à informação e a ampliação das conexões sociais, como também os desafios e riscos que acompanham essa revolução.

1.1. Nova cultura em rede e socialização

Ao longo da história, diversos marcos importantes têm impulsionado o progresso humano como sociedade. Entre os temas mais recorrentes e impactantes da atualidade, destaca-se a Internet, cuja capacidade de transformar vidas de maneira radical é inegável. Ela marcou uma transformação total na concepção da cultura de comunicação e socialização. Hoje em dia, vivemos em um mundo no qual, segundo Ribeiro (2002 *apud* Cabello, 2022, p.23, tradução nossa):

> imperam a cultura tecnocientífica, os avanços tecnológicos que cada vez mais transformam nossas concepções sobre nossos corpos (ciborgues), nossas comunidades (virtuais), nossas formas de sociabilidade (co-presença eletrônica), e obrigam a inclusão de novas problemáticas nas agendas políticas.

Levando em conta a opinião de Ribeiro (2002 *apud* Cabello, 2022, p.23, tradução nossa) é importante destacar que vivemos em constante transformação e mutação devido aos avanços tecnológicos imediatos que mudam completamente a concepção de comunicação e a forma como nos relacionamos como indivíduos em sociedade. Essas mudanças, geram uma nova cultura, que pode ser evidenciada por meio da comparação que vai ser explicada nos parágrafos seguintes.

No início do século XX, a comunicação era classificada como unidirecional e elitista, ou seja, a audiência reagia de acordo com a ordem dos meios, na qual predominava a teoria denominada “agulha hipodérmica” proposta por Laswell (1985 *apud* Tobar, 2013, p.14, tradução nossa). Esta teoria apresenta a audiência apenas como receptora e assume

automaticamente que não existe o conceito de "indivíduo", mas sim de uma "massa" que não permite gerar opiniões ou "feedback" sobre a informação ou aprendizado recebido. Como menciona Díaz (2012, p.28, tradução nossa), esta teoria "marca as pautas em cada um dos indivíduos sobre como devem agir e ser, sem que exista uma amplitude de bagagem que lhes permita fazer uma seleção e otimização da informação recebida".

Depois, a ideia de comunicação "unilateral" se rompe com um dos momentos que transformaram o mundo socialmente: o fenômeno da Web 2.0, que transformou a cultura da comunicação, justamente porque propõe a participação da audiência. Em torno desse conceito, integram-se: "software social, arquitetura da participação, conteúdos gerados pelo usuário, *rich Internet applications*, *tags,* sindicação de conteúdos e redes sociais" (Prato, 2010, p.13, tradução nossa). Este fenômeno marcou uma tendência relevante, pois, ao contrário dos meios tradicionais, tais como a televisão e o rádio, com a web 2.0, a Internet deu voz ao usuário, conferindo-lhe a capacidade de criar conteúdo e, como menciona Amado et al. (2019, p. 7, tradução nossa), "no novo sistema, já não tem tanta relevância o conteúdo, mas sim a conversa. O que as pessoas fazem com os conteúdos".

É por isso que a Internet se tornou um desafio para os meios tradicionais, pois eles estão imersos em um novo modelo em que a audiência tem o poder e escolhe quando e como consome esses conteúdos que, atualmente, se apresentam em diferentes formatos e diversas telas (Amado; Etkin; Baez, 2019). Devido a essa cultura participativa, surgiu a necessidade de conexão, uma dependência em relação à Internet, marcando uma tendência em que seu potencial se baseia em "alimentar conexões, construir comunidades e fomentar a democracia... tornando a rede um meio "mais social" (Van Dijck, 2016, p.10, tradução nossa).

Assim, com o novo conceito de transformar os usuários em prosumidores[3], as tecnologias digitais de informação e comunicação superaram o cotidiano. E é aqui que surge um novo conceito das narrativas *transmedia*, que "se caracterizam por um componente: uma parte dos receptores não se limita a consumir o produto cultural, mas se embarca na tarefa de ampliar o mundo narrativo com novas peças textuais" (Scolari, 2014, p. 71, tradução nossa).

Nesse cenário, Jenkins (2006) amplia o conceito de narrativas *transmedia* ao introduzir a noção de cultura participativa, caracterizada por ambientes em que os consumidores não apenas recebem conteúdos, mas também participam ativamente de sua criação, modificação e circulação. Esse tipo de cultura está intimamente ligado à inteligência coletiva, conceito

[3] O termo *prosumidor*, cunhado por Toffler (1980), refere-se ao indivíduo que simultaneamente produz e consome conteúdos. Na era digital, esse papel ganha destaque com a Web 2.0, em que os usuários participam ativamente da criação e circulação de informações (Tapscott; Williams, 2006).

desenvolvido por Lévy (1994) e aplicado por Jenkins (2006) para explicar como o conhecimento é distribuído entre os membros de uma comunidade e constantemente atualizado através da interação. Nas redes sociais, essa participação ocorre de forma contínua, impulsionada pelo desejo de pertencimento, pela busca de reconhecimento e pela possibilidade de influenciar conversas públicas. Entretanto, a mesma estrutura que favorece a colaboração e a criatividade também potencializa riscos como a exposição excessiva de informações pessoais e a propagação de discursos de ódio, pois a lógica de compartilhamento constante dilui as fronteiras entre o espaço público e o privado (Jenkins, 2006).

As redes sociais têm atraído a atenção de vários pesquisadores e acadêmicos, buscando encontrar o impacto que têm sobre o dinamismo da socialização e seu uso em massa, pois, como afirma Amado *et al*. (2019, p. 6, tradução nossa):

> Na primeira década deste século, não existiam redes sociais e muito poucos se conectavam à internet através do celular. 89% dos cidadãos latino-americanos, segundo o Latinobarômetro de 2018, possui celular, o que o torna o bem social mais disseminado junto com a água potável (91% acessa) e uma refeição por dia (96%). Este dado confirma que estar comunicado é tão vital quanto a água e muito mais importante do que fazer uma segunda refeição para um terço da população que escolhe o telefone.

Isso significa que, atualmente, o uso da Internet se consolidou como uma necessidade básica, principalmente como um meio de comunicação que, com o surgimento das redes sociais, passou a ser caracterizada pela imediaticidade, com rápida recepção e resposta. Mas o surgimento dessas redes vai muito além, já que modificou a cultura de socialização e o desenvolvimento do ser humano como indivíduo e como ser social. Boyd e Ellison (2007 *apud* Pérez, 2011) definem as redes sociais como um serviço, uma extensão principal da Internet que permite às pessoas: construir um perfil público à sua maneira, criar e personalizar uma lista de usuários com os quais compartilham interesses e, finalmente, explorar os perfis de várias pessoas ao redor do mundo para conhecer as relações que existem dentro deste novo sistema de socialização.

Existem vários hábitos que faziam parte do cotidiano e que foram permeados pelas redes sociais, como: reunir-se com amigos, enviar cartas, mostrar fotografias impressas das férias, registrar notas e contatos em uma agenda, “manifestações informais e efêmeras da vida social que se baseavam na fala” (Van Djick, 2016, p.14, tradução nossa). Essas manifestações ocorriam apenas entre poucas pessoas. Mas, segundo Pérez (2010), a partir da década de 2000,

com o surgimento de Facebook (2004), Flickr (2004), Youtube (2005), Twitter (2006)[4] e um sem-número de plataformas similares, instaurou-se uma atividade online muito particular com várias formas de interação, alcançando audiências "massivas" de mil milhões de usuários, de modo que hoje em dia tudo o que acontece com uma pessoa e, por sua vez, os momentos de sua vida pessoal adquirem um valor distinto. Hoje em dia "são lançados a um público em que podem ter efeitos de maior alcance e mais duradouros" (Van Djick, 2016, p.14, tradução nossa), o que implica uma alteração total da comunicação pública e privada.

Se é verdade que todos esses avanços e recursos virtuais impactaram fortemente o cotidiano, a crescente apropriação dos indivíduos em relação a uma digitalização social instaurou fortemente uma consolidação da "cibercultura", pois com o desenvolvimento das novas gerações, denominadas por vários acadêmicos como "nativos digitais", uma nova era de consumo e reconfiguração de novos hábitos sociais foi marcada. Como afirma Moreira (2019, p.15, tradução nossa), "as evoluções tecnológicas vividas pela sociedade atual não se restringem apenas ao uso de novos equipamentos e produtos [...], implica a modificação de comportamentos, de certa forma, impondo-se a cultura existente e transformando indivíduos, grupos e sociedade".

Nesse contexto, os sistemas sociais dentro da rede instauraram novos modelos de criação e gestão compartilhada da informação e dos conteúdos, já que, atualmente, existe uma infinidade de formatos que permitem a participação dos internautas, nos quais inclusive, é possível criar comunidades virtuais, tornando realidade a gestão compartilhada que há na rede.

Por outro lado, é importante destacar que as habilidades e competências para interagir nesse meio estão muito presentes nos "nativos digitais"[5], que são especialmente os atuais adolescentes, jovens e jovens adultos, ou seja, os indivíduos que nasceram depois de 1980, segundo definição de Prensky (2001 *apud* Errandosoro; Elissondo, 2009, tradução nossa).

Mas quem são os nativos digitais e o que os caracteriza? A configuração e construção dessa geração digital é algo complexa, e esse termo foi criado por Mark Prensky, que afirmava que os nativos digitais são aqueles "grupos populacionais (essencialmente jovens e

[4] Disponivel em: https://dadun.unav.edu/server/api/core/bitstreams/bc96d4bd-28b8-4a38-8201-5e91f4b0fa67/content

[5] Termo criado por Mark Prensky (2001). O texto está disnonivel em: http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf

adolescentes) que cresceram em um marco tecnológico digital (computadores, Internet, telefones móveis, MP3...) e cujos usos e habilidades em relação a esses meios estão completamente naturalizados" (2001 *apud* Núñez; García; Hermida, 2012, s/p, tradução nossa). Dessa forma, eles configuram suas habilidades de inter-relação para se definir como indivíduos em um espaço público virtual, já que, como aponta Jeroem Boschma, "para os adolescentes de hoje, o computador não é uma máquina tecnológica, mas uma máquina social" (2007 apud Núñez; García; Hermida, 2012, s/p, tradução nossa), que lhes permite se expressar com liberdade e ser ouvidos.

Da mesma forma, os nativos digitais se proclamam como pessoas "*multitasking*", ou seja, capazes de resolver problemas instantaneamente, pois têm a concepção de que suas habilidades são desenvolvidas e parecem estar em um novo mundo simbiótico, no qual "os computadores e os telefones se tornam uma extensão do corpo e da mente, criando uma população semelhante à ciborgues" (CNN, 2013).

Nesse sentido, torna-se relevante estudar os nativos digitais não apenas por seu domínio e uso cotidiano das tecnologias, mas também porque grande parte deles se encontra em uma fase do desenvolvimento humano marcada pela construção da identidade, formação de valores e definição de crenças. Como indicam Erikson (1968) e Arnett (2000), a adolescência e o início da vida adulta representam períodos críticos de socialização, nos quais as experiências e decisões assumem papel determinante para o futuro do indivíduo. Trata-se de uma etapa caracterizada por elevada vulnerabilidade a influências externas, em que as interações virtuais podem potencializar tanto oportunidades de aprendizagem quanto riscos, como a exposição a discursos de ódio ou a perda de privacidade. Por isso, compreender como esses jovens se apropriam do espaço digital, negociam suas identidades e lidam com situações adversas nesse ambiente é essencial para avaliar as implicações sociais, culturais e psicológicas dessa nova era digital. Essa análise, por sua vez, permite aprofundar a reflexão sobre as consequências complexas de ser um "nativo digital" na contemporaneidade, explorando não apenas os benefícios advindos dessa nova cultura, mas também as ameaças e desafios que ela impõe.

1.2. Rede, relações complexas e nativos digitais

Toda mudança ou transformação traz consigo consequências, que podem representar benefícios, ameaças ou, ainda, retrocessos. Neste caso, a nova cultura em rede e os nativos digitais não são exceção. Embora muitos assegurem que o mundo, hoje em dia, está muito mais simplificado e de mais acesso do que há alguns anos, já que a Internet facilitou muitas atividades diárias, os nativos digitais também estão expostos a vários riscos, os quais é necessário

compreender para reconhecer. A seguir, serão analisados alguns dos benefícios e ameaças que essa nova sociedade em rede pode oferecer aos nativos digitais.

1.2.1. Os benefícios da nova cultura para os "nativos digitais"

A Internet se tornou um espaço no qual não existem barreiras de tempo nem de espaço, e proporcionou a facilidade de conhecer de perto muitos temas em segundos, que antes levariam meses ou até anos. Por isso, os nativos digitais se beneficiaram do fácil acesso à informação, culturas, conhecimento diverso, entre outros. Além disso, essa cultura contribuiu grandemente para a circulação de conhecimento e para as contribuições livres e desinteressadas de seus usuários (Imbert, 2011). Tudo isso incentivou nos nativos digitais no desenvolvimento de hábitos lúdicos de aprendizagem (Bertomeu, 2011) e o aprimoramento em competências de autoaprendizagem (Pérez, 2011).

Essa nova cultura em rede também facilitou a criação de "relações interpessoais mais imediatas" (Méndez; Rodríguez, 2011, p.28, tradução nossa) graças às redes sociais. A proximidade que as redes proporcionam permitiu a cada nativo digital interagir com um amplo número de pessoas, sem barreiras de tempo, distância, gênero etc. Além disso, possibilitou uma grande interação e comunicação entre iguais (Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011), já que, por meio dessas plataformas, é muito fácil encontrar pessoas que pensam como eles, que têm ideais semelhantes ou que vivem situações parecidas. Tudo isso facilitou a mudança do comportamento social dos nativos digitais e o desenvolvimento de novas formas de aprender e se comunicar (Prensky, 2001 *apud* Cabra-Torres; Marciales-Vivas, 2009) com essas relações cibernéticas. Além disso, gerou um espaço de lazer e diversão para as novas gerações.

O espaço virtual também se tornou uma oportunidade para que a voz dos nativos digitais seja ouvida. No passado, era muito complicado estender causas sociais em nível global, além de que o conhecimento sobre essas causas era mínimo ou nulo. No entanto, a criação das redes sociais e o espaço da Internet permitiram ações como: “a militância, a divulgação de campanhas de sensibilização prescindindo da esfera midiática, a defesa de causas minoritárias ou boicotadas pelos políticos” (Imbert, 2011, p.127, tradução nossa). Além disso, a imediaticidade dessas redes permitiu que os nativos digitais não apenas fizessem sua voz ser ouvida, mas também escutassem a de outros por meio de “eventos ao vivo, a retransmissão de palestras e conferências às quais pouca gente tem acesso, entrevistas, comentários sobre filmes e debates retransmitidos pela televisão” (Imbert, 2011, p.127, tradução nossa). Com isso, demonstra-se que a cada dia se somam ferramentas e plataformas que enriquecem e empoderam os nativos digitais para aprender e sentir a liberdade de expressar sua forma de pensar no mundo online.

É importante levar em conta que as novas tecnologias facilitaram muitas outras atividades cotidianas para as novas gerações, por exemplo, essas redes representam para muitos nativos digitais uma nova forma de trabalho e de estudos. Ou, da mesma forma, essas tecnologias facilitaram a atenção médica e a telemedicina, além da compra e venda de artigos pela Internet, a simplicidade de acesso a filmes, vídeos ou a música ao alcance de um 'clique' (Martínez, 2006, tradução nossa).

De acordo com a perspectiva desta pesquisadora, tudo isso é relevante para os nativos digitais, já que todos esses benefícios fazem parte de seu mundo e eles já estão acostumados a esse estilo de vida em rede. No entanto, muitas vezes, se esquecem ou desconhecem as consequências negativas que esse mundo digital também pode acarretar.

1.2.2. As ameaças da nova cultura para os "nativos digitais"

Sem dúvida, essa nova cultura em rede conectou pessoas. No entanto, raramente se considera que ela também ampliou as desigualdades sociais e, muitas vezes, polarizou o conhecimento, tornando-o tendencioso para os nativos digitais, enquanto muitos outros sequer têm acesso a ele. Assim, um dos riscos da geração digital, segundo Ferro et al. (1998 apud Cabra-Torres; Marciales-Vivas, 2009), é o abandono ou desconhecimento daqueles jovens menos hábeis no uso de tecnologias, ou seja, esse cenário poderia produzir exclusões de grupos sociais em razão de seu consumo e habilidade com tecnologias. Além disso, outra problemática se relaciona com o acesso e uso da informação, e a negligência de fatores de ordem social e cultural, que aprofundam a brecha que está se abrindo entre aqueles que têm acesso à informação e aqueles que ficam para trás, gerando indivíduos marginalizados em uma sociedade cada vez mais competitiva.

Dessa forma, muitos grupos de nativos digitais não gozam de todos os privilégios que deveriam ter ao fazer parte desse grupo. Ao contrário, muitos se veem limitados no acesso ao conhecimento por seu nível de estudo, gênero, classe ou status social (Méndez; Rodríguez, 2011), o que é realmente um problema.

Além disso, os nativos digitais têm sido afetados não apenas pela distorção do conhecimento, mas também pela distorção de suas relações sociais (Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011). Nesse sentido, a crescente "plataformização"[6] das relações, caracterizada por

[6] O termo *plataformização*, conforme Van Dijck, Poell e Nieborg (2018), refere-se à penetração das infraestruturas digitais, dos processos econômicos e das estruturas de governança das plataformas em diversos setores econômicos e esferas da vida cotidiana, bem como à reorganização das práticas culturais e imaginários em torno dessas plataformas.

interações sociais e econômicas mediadas por plataformas digitais como Uber, Rappi ou aplicativos de encontros, reforça a lógica de que grande parte das conexões humanas, hoje, é mediada por tecnologia. Ainda que esse fenômeno facilite contatos e oportunidades, também tende a reduzir a qualidade das interações presenciais e a sujeitar os usuários a dinâmicas de vigilância, coleta de dados e controle algorítmico (Srnicek, 2017).

Esse mundo em rede se tornou tão parte deles que as relações sociais físicas, em muitos casos, se tornaram quase inexistentes e muito pouco afetuosas. Isso provocou um isolamento do mundo real (Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011) e uma mudança na forma como os nativos digitais se relacionam com seu entorno.

Igualmente, essa mudança de relações trouxe consigo uma pressão social cibernética, na qual essa geração sente a necessidade de "responder às expectativas sobre o que se deve ser e como se deve ser" (Méndez; Rodríguez, 2011, p.29, tradução nossa) em função de seu grupo social na Internet. Essa lógica está diretamente associada à chamada *cultura da performance*[7]**,** intensificada pelas redes sociais, que alimenta a pressão para exibir constantemente sucesso, felicidade ou produtividade, reforçando padrões irreais e impactando o bem-estar psicológico dos jovens (Han, 2015). Por isso, muitos jovens optam por fazer o que outros nativos digitais fazem, e incentivam, por exemplo, o assédio cibernético a seus pares (Del Río et al., 2010 apud Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011), e até mesmo difundem esses assédios em grande escala como forma de zombaria por causa dessa pressão.

Assim, muitas vezes, essas redes se tornam também um meio de bullying, assédio e violência direta, causada pelo desejo de causar dano, ou mesmo, muitas vezes, impulsionada como violência cultural (Galtung, 1989), devido às diferentes ideologias, repertórios socioculturais e políticos, religiosos, entre outros. E, lamentavelmente, isso é considerado tão natural que muitos jovens não veem violência alguma nesse ato, já que é sua forma de defesa no mundo em rede, obscurecendo assim a realidade e evitando considerá-lo violento (Galtung, 1989).

Por outro lado, assim como nas redes existe um grande acesso à informação da educação formal e informal, também há uma porta aberta para "páginas de conteúdo pornográfico, sexista ou violento" (Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011, p.108, tradução nossa). Esse acesso a esse tipo de conteúdo pode alterar o comportamento social, mental, emocional e físico dos nativos

[7] Cultura da performance: conceito que descreve a dinâmica social na qual os indivíduos sentem-se permanentemente compelidos a demonstrar produtividade, sucesso e felicidade, moldando sua autoimagem para atender expectativas externas, especialmente nas redes sociais, o que pode gerar sobrecarga emocional e psicológica (HAN, 2015).

digitais. Além disso, como menciona o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2010 apud Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011, p. 108, tradução nossa):

> Os conteúdos nocivos que estão incluídos nessas páginas podem representar uma clara interferência para a adequada satisfação das necessidades afetivo-sexuais, assim como para a interação com adultos e iguais e, em suma, para a construção da autonomia.

Isso se soma aos problemas mentais que a dependência da tecnologia e da Internet pode acarretar para os nativos digitais. Como se sabe, hoje em dia "é imprescindível estar inserido na linguagem e no uso das novas tecnologias" (Méndez; Rodríguez, 2011, p.29, tradução nossa). No entanto, isso significou para muitos "a ruptura das dualidades entre tempos de lazer e estudo/trabalho" (Gordo; Mejías, 2006 apud Méndez; Rodríguez, 2011, p.30, tradução nossa) já que agora a tecnologia se inseriu em sua agenda, tornando-se imprescindível. Por essa razão, alguns nativos digitais desenvolveram uma dependência total dessa tecnologia, chegando a sentir um vazio quando ficam sem ela. Por isso, alguns nativos digitais optam por tê-la sempre por perto, demonstrando uma necessidade permanente de manter esse espaço tecnológico ativo (Méndez; Rodríguez, 2011).

Além disso, os nativos digitais são prejudicados pelo domínio e controle que essas novas redes utilizam. Muitas vezes é ignorado que "a própria rotina de acesso às TICs implica determinadas rotinas de aceitação e submissão ao controle" (Méndez; Rodríguez, 2011, p.28, tradução nossa), já que por trás das redes utilizadas, existe "uma elite constituída por quem controla as tecnologias e as forças de produção" (Cabra-Torres; Marciales-Vivas, 2009, p. 332, tradução nossa). E são eles que, muitas vezes, se aproveitam da informação de consumo em rede dos nativos digitais, transformando sua informação pessoal em um produto para as grandes corporações. Além disso, controlam por meio de algoritmos o que cada nativo digital deve ver, limitando assim sua visão global.

1.2.2.1. Perda de privacidade e discursos de ódio

Com base nas reflexões apresentadas até aqui, podemos discutir uma das últimas consequências que, ao mesmo tempo, se constitui como uma das mais prejudiciais para os nativos digitais, que é a perda de privacidade nas redes digitais, frequentemente provocadas ou acompanhadas de discursos de ódio. Como mencionam Méndez e Rodríguez (2011, p. 29, tradução nossa):

> A "aldeia global" está mais controlada do que nunca, em uma espécie de contradição entre a grande liberdade de movimento e a perda de

> anonimato e intimidade em todos os espaços. Os nativos já nascem com isso, crescem na aceitação dessa intimidade que para nós parece essencial, talvez por isso se mostram sem pudor nas redes sociais.

Para muitos nativos digitais, mostrar sua intimidade no mundo em rede resulta natural. Muitos fazem upload de fotos, status, informações pessoais, e até mesmo fazem amizade com desconhecidos pela web, pensando que essa é a forma de interagir nessa nova realidade digital. No entanto, esquecem que "as redes sociais podem envolver riscos derivados da escassa cautela dos adolescentes na preservação de sua própria identidade ou no estabelecimento de relações com pessoas desconhecidas" (Ochaita; Espinosa; Gutiérrez, 2011, p. 108, tradução nossa). Essa perda de privacidade e exposição a desconhecidos desencadeia uma série de consequências, como: implantação de identidade, roubo de informação, *cyberbullying*, difamação, incitação ao ódio, *grooming* ou assédio sexual, abuso sexual, emocional ou físico, sequestros, assassinatos e, até mesmo, pela pressão dos problemas mencionados anteriormente, pode levar ao suicídio (Jiménez, 2014). Por isso, a falta de privacidade é uma das consequências mais latentes e perigosas para os nativos digitais, pois implica "meter-se na intimidade do outro, expor o interior para fora, prestar-se a todas as exibições" (Imbert, 2011, p. 125, tradução nossa). E isso, muitas vezes, pode levar a outras consequências catastróficas, as quais são importantes ter em mente para não incorrer nelas.

Uma delas, sobre a qual vale a pena refletir, é o crescente discurso de ódio. Mas será que ele está realmente relacionado à perda de privacidade? Por um lado, pode-se pensar que não, porque o discurso de ódio está frequentemente relacionado a expressões que promovem ou justificam o ódio por motivos racistas, xenófobos, religiosos, de gênero, de orientação sexual ou de deficiência (Cabo; García, 2017). No entanto, é fundamental distinguir o discurso de ódio da violência. De acordo com Gelber e McNamara (2016), o discurso de ódio refere-se a formas de expressão, verbais, textuais, visuais ou simbólicas, que têm como objetivo desumanizar, humilhar, intimidar ou incitar hostilidade contra indivíduos ou grupos específicos. Já a violência, conforme Gagliardone et al. (2015), envolve a materialização dessa hostilidade por meio de ações físicas ou psicológicas concretas que causam danos diretos. Brown (2017) reforça que, embora o discurso de ódio não se traduza necessariamente em violência física imediata, ele atua como catalisador e normalizador de contextos nos quais a violência se torna mais provável.

De acordo com Cabo e García (2017, p. 6), o conceito de discurso de ódio também se estende a expressões que promovem preconceito ou intolerância, contribuindo indiretamente para a criação de um clima de hostilidade que pode levar a atos discriminatórios ou ataques

violentos. Essa conexão torna-se mais clara quando se considera que, no ambiente digital, a exposição de informações privadas pode ser utilizada de forma maliciosa para alimentar narrativas de ódio.

Uma das causas estruturais desse fenômeno é a "superabundância comunicativa" (Cabo; García, 2017, p. 8, tradução nossa). Por meio da internet e das redes sociais digitais, mensagens antes restritas à esfera privada passaram a ser veiculadas publicamente em escala massiva, modificando profundamente as dinâmicas sociais (Castells, 2013, p. 52). Ao expor a identidade pessoal, o indivíduo não apenas compartilha aspectos de sua vida, mas também a insere em um ecossistema sujeito a manipulações. A informação privada pode ser reinterpretada ou distorcida por terceiros e convertida em mensagem pública circulante, fenômeno amplificado por algoritmos que priorizam conteúdos polarizadores e de alta carga emocional (Tufekci, 2017, p. 140).

Essa vulnerabilidade não decorre apenas das ações individuais, mas de uma lógica estrutural que intensifica a exposição e a manipulação das identidades. Essa lógica é parte do que Zuboff (2019, p. 9) denomina "capitalismo de vigilância": um sistema no qual dados pessoais são extraídos, processados e comercializados para prever e influenciar comportamentos futuros, muitas vezes sem o consentimento do indivíduo.

A partir dessa perspectiva, a perda de privacidade deve ser analisada em diferentes níveis. O nível controlável refere-se a ações diretas do usuário, como decidir o tempo de navegação, as interações que realiza (curtidas, comentários), o que publica e quais configurações de privacidade adota. Já o nível não controlável inclui a coleta passiva de dados pelas plataformas, rastreamento de comportamento, geolocalização, metadados, que ocorre independentemente da vontade do usuário. Esses dados, processados por grandes corporações tecnológicas (*Big Techs*) e, muitas vezes, compartilhados com governos ou terceiros, alimentam sistemas de vigilância digital em escala global (Couldry; Mejias, 2019).

Esse processo está diretamente ligado ao chamado colonialismo de dados, conceito desenvolvido por Couldry e Mejias (2019) para descrever a apropriação sistemática de dados de populações, especialmente do Sul Global, por atores que detêm infraestrutura e poder computacional, reproduzindo padrões históricos de dominação. Nesse modelo, os dados são extraídos de contextos locais, processados em centros globais de poder e utilizados para gerar valor econômico e controle político.

Como observam Milan e Treré (2019), essa assimetria consolida uma ordem digital desigual, na qual comunidades periféricas permanecem dependentes das tecnologias e infraestruturas de atores hegemônicos. Ao mesmo tempo, as plataformas que operam essa

extração de dados também são as que, por meio de seus algoritmos, amplificam discursos hostis, reforçam estereótipos e criam ambientes polarizados.

Portanto, a perda de privacidade e o discurso de ódio não podem ser tratados como problemas isolados. Ambos emergem de uma infraestrutura digital que sustenta práticas econômicas e políticas concentradoras de poder, com efeitos diretos sobre a dignidade, a segurança e a autonomia dos indivíduos.

Em síntese, o contexto digital contemporâneo expõe os nativos digitais a uma convergência perigosa: a perda de privacidade, alimentada por estruturas de vigilância e extração de dados, cria um ambiente fértil para a propagação de discursos de ódio, que, mesmo quando não se traduzem imediatamente em violência física, corroem a dignidade e aumentam a vulnerabilidade das pessoas. Reconhecer essa interação é essencial para formular respostas regulatórias, educativas e éticas que vão além da responsabilização individual e enfrentem as dinâmicas globais de exploração de dados e hostilidade online.

No próximo capítulo, aprofundaremos a análise sobre o papel das plataformas digitais como agentes centrais nesse processo, investigando casos de vazamento de dados e suas implicações.

2. REDES SOCIAIS DIGITAIS: O IMPACTO NA COMUNICAÇÃO E A CRISE DA PRIVACIDADE

Neste capítulo, discutiremos o impacto das redes sociais na comunicação digital e na privacidade dos usuários, com foco nas plataformas mais populares entre os jovens. O uso dessas plataformas, como Facebook, YouTube, WhatsApp, Instagram, TikTok e Tinder, transformou a forma como as pessoas se conectam e interagem, mas também trouxe implicações significativas para a privacidade pessoal. Ao analisar essas plataformas, discutiremos suas características, os principais usos e como os jovens se relacionam com elas, destacando os benefícios e riscos associados. É fundamental entender essas questões, pois as redes sociais têm se tornado espaços centrais na vida cotidiana dos jovens, influenciando não só suas relações sociais, mas também sua percepção sobre privacidade e segurança online. Além disso, serão apresentados relatos de pessoas que sofreram com a perda de privacidade, ilustrando os impactos reais e os desafios que surgem quando a segurança pessoal é comprometida nas plataformas digitais.

2.1. Plataformas mais utilizadas por jovens

De acordo com Vizcaíno *et al.* (2019), as redes sociais têm gerado uma grande controvérsia no mundo contemporâneo e na forma como entendemos o ser humano enquanto ser social. Elas estão redefinindo o consumo, as relações interpessoais, a construção da identidade individual e até mesmo se posicionando como uma alternativa para a participação social. A partir dessa reflexão, podemos reconhecer que as gerações que cresceram imersas nas tecnologias digitais se tornaram cada vez mais dependentes delas para se comunicar, consumir e se relacionar. Esse fenômeno é impulsionado pela constante evolução tecnológica, que traz mudanças rápidas e intensas no modo de vida e na interação social.

Nesse sentido, é indiscutível o uso massivo da Internet e das plataformas digitais na cotidianidade dos adolescentes, pois, na qualidade de 'nativos digitais', eles as consideram como uma maneira "de manter contato com seus pares e compartilhar conteúdo com eles". (Vizcaíno *et. al*, 2019, p.556, tradução nossa). As redes sociais digitais se tornaram uma ferramenta indispensável e é impensável viver sem elas, pois como menciona Adame: "Somos 7,7 bilhões de humanos no planeta, e segundo o relatório anual The Global State of Digital in 2019 criado pela Hootsuite e We Are Social, 52% da população mundial utiliza redes sociais" (2019, s/p, tradução nossa). Isso significa que mais da metade do mundo está conectada a uma rede social e, por isso, é importante conhecer suas características, riscos e qualidades.

Segundo o relatório mais recente da Hootsuite de 2019, o top 10 das redes sociais digitais mais utilizadas a nível global são: “Facebook: 2,271 milhões, YouTube: 1,900 milhões, WhatsApp: 1,500 milhões, FB Messenger: 1,300 milhões, WeChat: 1,083 milhões, Instagram: 1,000 milhões, Twitter: 326 milhões, LinkedIn: 303 milhões, Skype: 300 milhões e Snapchat: 287 milhões” (Adame, 2019, s/p, tradução nossa). No entanto, em cada país as cifras tendem a variar muito, pois um fator influente é a economia, a cultura e o acesso da população à tecnologia.

Por exemplo, no Equador, segundo o Instituto Nacional de Estatística e Censos (INEC), a rede social mais utilizada pelos usuários que acessam redes sociais no país é o Facebook com 55,4%, seguido do WhatsApp com 52%, e depois Instagram e YouTube com um percentual menor (2019 *apud* Rodríguez, 2020). “O especialista em redes sociais, Carlos Zambrano, afirma que essas duas últimas têm como característica principal serem usadas por pessoas mais jovens, portanto, têm mais possibilidades de crescer” (Rodríguez, 2020, s/p, tradução nossa). É por isso que os números mudam dependendo da etapa de desenvolvimento do ser humano, por exemplo, para os adolescentes, as redes sociais mais populares são: “YouTube, Instagram e Snapchat”, segundo o estudo mais recente (Pew Research Center, 2018).

Embora a existência das diferentes redes sociais tenha um objetivo específico, não é exclusivo. Cada uma se popularizou pelos distintos usos e funções que oferece e pelo valor que cada internauta lhe atribui. Por isso, é relevante compreender suas características e suas implicações nas relações entre os nativos digitais e a rede.

É importante destacar que foi feita a seleção de seis plataformas para análise aprofundada neste capítulo: Facebook, WhatsApp, YouTube, Instagram, TikTok e Tinder. A escolha dessas redes não é arbitrária, mas fundamenta-se em sua ampla difusão entre jovens e na relevância que assumem no cenário contemporâneo de comunicação digital e privacidade. Além disso, a escolha se ancora também nos relatos produzidos na tertúlia dialógica realizada com os participantes da pesquisa, em que os próprios jovens destacaram o uso recorrente dessas plataformas em seu cotidiano, confirmando sua centralidade em suas práticas comunicacionais.

O Facebook e o WhatsApp figuram de forma recorrente entre as redes mais utilizadas na América Latina e em países como o Equador (INEC, 2019; We Are Social & Hootsuite, 2019), representando canais centrais para a manutenção de vínculos sociais e para o compartilhamento de informações no dia a dia. O YouTube, por sua vez, aparece como uma das plataformas preferidas entre adolescentes e jovens, consolidando-se não apenas como espaço de entretenimento, mas também como ambiente de aprendizagem, produção e circulação de conteúdos audiovisuais (Pew Research Center, 2018; Burgess & Green, 2018).

Já o Instagram e o TikTok assumem um papel particularmente relevante na construção da identidade juvenil, visto que privilegiam a comunicação visual, a cultura da performance e a lógica dos algoritmos de recomendação, que moldam comportamentos e padrões de consumo cultural (Leaver, Highfield & Abidin, 2020; Montaño & Cruz, 2021). Essas plataformas se tornaram, portanto, espaços privilegiados para compreender como os nativos digitais negociam visibilidade, engajamento e privacidade em seus processos comunicacionais.

Por fim, a inclusão do Tinder se justifica pela especificidade de sua proposta: ao contrário das demais, voltadas a interações sociais mais amplas, o Tinder foca em relações interpessoais de caráter afetivo e sexual. Pesquisas recentes destacam como esse tipo de aplicativo redefine os modos de aproximação, intimidade e exposição de dados pessoais, trazendo implicações diretas para a discussão sobre vulnerabilidade, segurança e privacidade digital entre jovens (Lutz & Ranzini, 2017; Hobbs, Owen & Gerber, 2017).

Assim, a análise dessas seis plataformas permite observar dimensões complementares do uso das redes sociais digitais entre nativos digitais, desde a manutenção de laços cotidianos e o consumo de informação e entretenimento, até a construção identitária e a vivência da intimidade. Essa abordagem comparativa oferece um panorama mais abrangente sobre os benefícios e riscos que atravessam a experiência juvenil em ambientes digitais.

2.1.1. Facebook.

É uma das plataformas que ocupa o primeiro lugar durante vários anos consecutivos nos rankings das mais usadas. É uma rede social que "é utilizada fundamentalmente para contato familiar ou para lazer (memes, receitas de cozinha ou vídeos engraçados)" (Vizcaíno *et. al*, 2019, p.561, tradução nossa). No entanto, já não é considerada uma das redes sociais mais aclamadas pelos jovens, pois, como mencionado pela BBC Mundo (2018, s/p, tradução nossa):

> A própria rede social revelou em 2014 que começou a perder seus usuários jovens, mas o problema tem aumentado. A consultoria norte-americana diz que o Facebook perderá neste ano dois milhões de usuários de 24 anos ou menos nos Estados Unidos.

Da mesma forma, hoje em dia "os jovens consideram que o Facebook é coisa de famílias, pais e avós" (Rodríguez, 2020, s/p, tradução nossa). Atualmente, os jovens preferem imagens e interagir em redes nas quais esteja apenas seu grupo social e não suas famílias, pois assim podem se desenvolver com liberdade. É por isso que "apenas 51% diz usar, e entre eles, apenas 10% a usa como primeira rede social" (Lostalé, 2018, s/p, tradução nossa).

2.1.2. YouTube: Broadcast Yourself.

O YouTube é uma plataforma que, segundo a própria definição do site, "qualquer um pode ver e compartilhar vídeos originais em todo o mundo pela Web" (Bañuelos, 2009, p.2, tradução nossa). Esta rede social possui múltiplos significados, mas, em uma tentativa de tradução, pode ser definida como "difusão de si mesmo" ou "difunda-se" (Bañuelos, 2009, p.2, tradução nossa). É muito popular entre os jovens, pois combina a produção de material audiovisual com a interação e convida a viver "a socialização virtual, onde o autor e o leitor têm as mesmas oportunidades de interagir" (Bañuelos, 2009, p.24, tradução nossa).

O YouTube é uma das plataformas que conseguiu se posicionar por vários aspectos. Embora seja uma plataforma muito famosa entre diversos públicos, é importante ressaltar que sua popularização entre os jovens se deve à tendência dos youtubers, pois, como menciona Westenberg (2016 *apud* Pérez; Pastor; Abarroy, 2018 p. 62, tradução nossa):

> Os youtubers são percebidos pelos jovens como seus iguais, embora também com qualidades (criatividade ou talento) que costumam admirar. Além disso, são pessoas próximas a seus seguidores, no sentido de que compartilham traços semelhantes (idade, idioma, cultura, contexto social etc.) aos adolescentes que os seguem, o que facilita a rápida identificação com eles.

Essa é a razão pela qual a interação que se desenvolve entre a audiência e os youtubers se torna muito especial para os jovens, já que este atua como um líder de opinião, fazendo com que seu público se sinta identificado com seu discurso e se torne um amigo virtual, que entende suas necessidades, os diverte e os escuta (Pérez; Pastor; Abarroy, 2018).

2.1.3. WhatsApp.

É uma rede social que oferece mensageria instantânea, podendo ser utilizada em diferentes sistemas operacionais de telefones celulares. Com o surgimento dos smartphones, o uso do WhatsApp se tornou massivo, especialmente entre os adolescentes.

Na maioria dos casos, esta plataforma é a razão principal pela qual os adolescentes pedem a seus pais um smartphone, pois para eles "não ter WhatsApp e estar fora dos grupos é como estar fora das relações sociais e desconectados do entorno" (Del Barrio; Ruiz, 2019, p.25, tradução nossa). Isso pode ser refletido em dados de 2017, que demonstraram que "são enviados 42 bilhões de mensagens diárias através do WhatsApp" (Del Barrio; Ruiz, 2019, p.25, tradução nossa).

Segundo Del Barrio e Ruiz (2019), um dos elementos que gera debate é se o WhatsApp gera dependência nos adolescentes, pois até agora nenhuma associação psicológica ou de saúde incluiu a possível dependência das TIC, mas é importante destacar que o fator preocupante é "a grande quantidade à qual os adolescentes estão expostos às aplicações tecnológicas" (Del Barrio; Ruiz, 2019, p.28, tradução nossa) e, especificamente, expostos ao WhatsApp, que é uma das ferramentas mais utilizadas. No entanto, alguns pesquisadores determinaram uma doença que se desenvolveu a partir da criação do WhatsApp. Segundo um estudo realizado por Larry Rosen (2012 *apud* Ixctot, 2017, p.52, tradução nossa), existe uma síndrome chamado vibração fantasma, "que é uma condição em pessoas viciadas em *smartphones,* que sentem vibrações falsas de seus celulares devido à ansiedade de receber mensagens", e é curioso notar que "70% dos usuários de celulares nos Estados Unidos sofreram desse problema" (Rosen, 2012 *apud* Ixctot, 2017, p.52, tradução nossa).

2.1.4. Instagram.

Instagram, ao contrário das outras redes sociais, é uma plataforma completamente visual, que convida a criar um perfil baseado em fotografias, vídeos e *stories*. O interessante é que, segundo Prensky (2001 *apud* Morocho, 2019, p.18, tradução nossa): "Uma das características dos nativos digitais é que eles preferem gráficos a textos e funcionam melhor quando trabalham na Rede. Além disso, os jovens nas redes sociais não são apenas consumidores de conteúdo, mas também criadores, e se sentem inspirados pelo que veem".

Justamente a isso se atribui as razões de sua popularidade. Da mesma forma, afirma-se que os jovens preferem o Instagram ao Facebook, justamente porque "proporciona uma sensação de liberdade, onde podem se expressar melhor e se sentirem livres das expectativas e limitações sociais que o Facebook pode apresentar" (Morocho, 2019, p.17, tradução nossa).

Além disso, segundo um estudo realizado por Ting *et. al* (2015 *apud* Morocho, 2019), conclui-se que o uso popular do Instagram se deve à gratificação e validação pessoal, pois os jovens vivem a experiência de criar seu próprio perfil como desejarem, por meio de fotografias e vídeos que são alimentados pelas reações e comentários que os fazem se sentir valorizados nesta rede. Por outro lado, com o surgimento de líderes de opinião, perfis de famosos e marcas, permite aos adolescentes interagir mais de perto com perfis de seu interesse e até realizar compras imediatas de roupas ou acessórios de seu gosto.

2.1.5. TikTok.

TikTok é um aplicativo que tem causado controvérsia nos últimos tempos, uma plataforma desenhada como qualquer outra rede social, mas que possui suas peculiaridades que geraram tendência entre jovens e até crianças. Nela, os usuários têm a capacidade de compartilhar seus vídeos realizando coreografias, desafios que se tornam virais, vídeos de imitação de programas ou filmes, ou até gravam tutoriais de qualquer tipo buscando aumentar seu número de visualizações ou seguidores (Funes, 2020).

É um espaço que os jovens se apropriaram e "superou a marca de 315 milhões de downloads nos três primeiros meses de 2020. De fato, é atualmente o aplicativo mais baixado e que possui o maior tempo de uso" (Funes, 2020, s/p, tradução nossa). Existem várias razões pelas quais os adolescentes se divertem muito com esse aplicativo, como ganhar popularidade e serem aceitos em seu círculo social, mas principalmente é porque "participam pessoas que são referências para eles, como famosos do mundo da música, da televisão, do cinema ou influencers" (Funes, 2020, s/p, tradução nossa).

2.1.6. Tinder.

É um aplicativo criado em 2012, que foi consolidado com o objetivo de facilitar o relacionamento entre pessoas, além de eliminar barreiras geográficas e concretizar encontros. Este aplicativo tem marcado tendência e crescido rapidamente. Hoje em dia, "conta com mais de sessenta milhões de usuários até a data; este aplicativo é um dos mais populares para conhecer pessoas, conversar ou marcar encontros com outros usuários, dado que produz mais de 10 milhões de uniões a cada 24 horas" (Díaz; Upegui, 2019, p.37, tradução nossa).

Ao contrário das outras redes sociais, o Tinder possui uma interação peculiar. Primeiro, o usuário deve criar seu perfil, especificando suas preferências sexuais e informações como idade, localização e interesses. Depois, o usuário sobe as fotos que mais gosta para compartilhar, e qualquer pessoa de qualquer parte do mundo poderá vê-las e reagir com um "curtir". Se a pessoa que reagiu a essa fotografia também gostar daquele perfil, automaticamente acontece um "match" e poderão interagir (Díaz; Upegui, 2019). Tornou-se muito famoso entre os jovens para fazer amigos, criar encontros, mas, acima de tudo, encontrar um parceiro.

Como foi possível verificar, essas redes apresentam características distintas, porém, representam importantes oportunidades de interação e expressão para os nativos digitais, o que as situam como espaços de mediação que também performam os indivíduos. Tal como dito

anteriormente, o mundo digital oferece a possibilidade de expressão, muitas vezes, no anonimato ou numa imagem nem sempre condizente com a realidade social desses jovens. Essa construção simbólica que é desenvolvida nas redes por parte dos nativos digitais pode influenciar hábitos de consumo, comportamento social, formas de organização e mobilização individual e coletiva, e até mesmo a percepção de mundo.

2.2. Privacidade da cultura em rede

Atualmente, mais da metade da população mundial depende da internet, de tal forma que ter acesso a ela é parte do exercício de um direito humano. “Para mais de 4 bilhões de pessoas, a Internet se tornou um elemento central em sua forma de se comunicar, aprender, integrar-se à economia e organizar-se social e politicamente” (Amnesty International, 2019, p.5, tradução nossa). No entanto, o uso e a participação dos milhões de usuários na Internet dependem, em sua maioria, de duas grandes corporações: Google (que domina os motores de busca e o mundo digital) e Meta (que controla a segurança e a privacidade da maioria das redes sociais no mundo) (Amnisty International, 2019). Dessa forma, principalmente Meta “domina grande parte das conexões humanas durante esta era digital” (Amnesty International, 2019, p.5, tradução nossa), ou seja, as redes sociais, que são usadas por mais da metade das pessoas no mundo diariamente (Amnesty Internacional, 2019).

No entanto, as pessoas criam e usam redes sociais sem reconhecer que o próprio conceito das mesas envolve riscos. Segundo Correcher (2011, p. 18, tradução nossa), ter redes sociais:

> envolve a disponibilização de toda a rede de contatos de uma grande quantidade de dados pessoais. Esse fato faz com que as redes sociais se tornem grandes fontes de informação sobre seus membros, o que, por sua vez, torna o cumprimento da normativa, prerrogativas e medidas de segurança em relação à proteção de dados pessoais essencial para seu correto funcionamento.

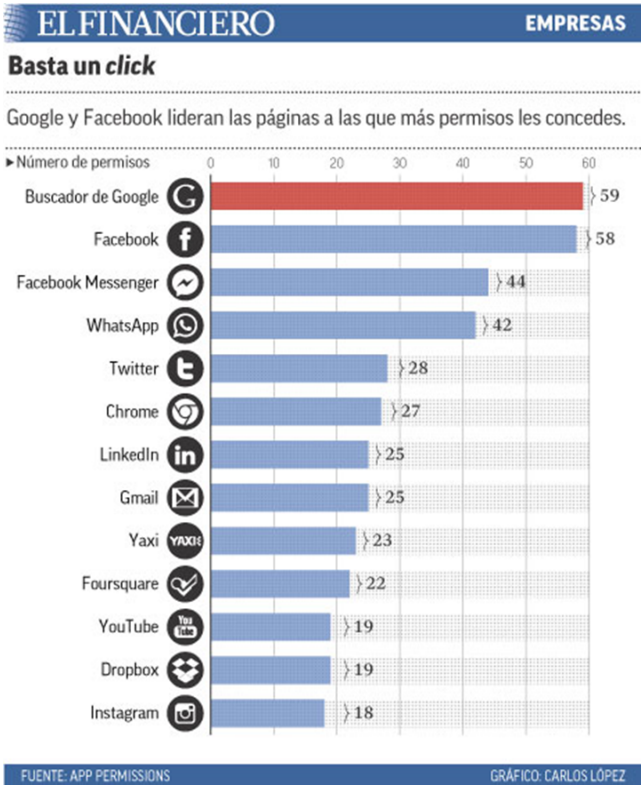
Criar qualquer rede social leva menos de 10 minutos para o usuário, onde automaticamente “mais de 50 permissões são autorizadas para monitorar, armazenar e utilizar suas informações pessoais” (Martínez, 2014, s/p, tradução nossa). No entanto, segundo pesquisadores, é confirmado que é muito incomum que uma pessoa se tome o tempo de lê-las, pois como afirma Martínez (2014, s/p, tradução nossa), “isso levaria 180 horas anuais, o que equivale a um mês em um emprego de tempo integral”. Da mesma forma, segundo Correcher (2011, p.18, tradução nossa):

> é muito comum observar como esses textos legais não são compreensíveis para um cidadão médio que não possui experiência ou formação jurídica. Os textos, além disso, costumam ser publicados em lugares da plataforma de difícil localização e acesso.

É por isso que grande parte dos internautas não se dá conta de que, ao criar seu perfil, autoriza uma infinidade de dados privados e um monitoramento geral de todas as ações realizadas nessas plataformas. Mesmo as fotografias e todo o material audiovisual que é compartilhado se torna parte dos direitos do Facebook ou da rede social na qual são compartilhados. Isso se reflete na opinião de Eric Schmidt (2010 *apud* Amnesty International, 2019, p.18, tradução nossa), ex-CEO do Google, que menciona: "Sabemos onde você está. Sabemos onde você esteve. Podemos saber no que você está pensando" pois, com a quantidade de permissões que o usuário concede, essas plataformas podem vigiar tudo.

Para entender melhor, as figuras 1 e 2 apresentam imagens sobre a quantidade de permissões que as redes sociais mais acessadas concedem e as normas de privacidade que são aceitas:

Figura 1. *Número de permissões concedidas pelo usuário em cada rede social.*



Fonte: Martínez (2014).

Figura 2. *Permissões concedidas pelo usuário.*

EL FINANCIERO — MERCADOS

Les das el sí

Estos son algunas de las cosas que aceptas al momento de acceder a las redes sociales más populares.

Permisos	Facebook	Twitter	Foursquare	LinkedIn
Ubicación aproximada	●		●	
Ubicación precisa	●	●	●	●
Información sobre redes existentes y cuáles están conectadas	●	●	●	●
Estado de redes Wi-Fi y conocimiento de los dispositivos conectados a ella	●		●	
Autenticar cuentas	●	●		●
Estadísticas de otras apps que utiliza	●			
Notificaciones entre aplicaciones	●			●
Llamadas sin intervención del usuario	●			●
Acceso a la cámara	●	●	●	
Control de la función de vibración	●	●	●	●
Acceso al calendario de eventos	●			●
Modificación del registro de llamadas	●			●
Modificación de datos de contactos	●			●
Recuperación de información de tareas ejecutadas	●			
Administración de cuentas	●	●	●	●
Modificación de ajustes de sonido	●			
Consulta de todos los eventos del calendario del dispositivo	●			●
Consulta del registro de llamadas	●			●
Grabación de sonido	●			
Movimiento de tareas a primer o segundo plano	●			
Establecer fondo de pantalla	●			
Escritura sobre otras aplicaciones	●			
Lectura de perfil de contactos	●	●	●	●
Lectura de SMS	●			
Configuración de sincroni-zación de cuentas	●	●		●
Ejecución automática tras reinicio de dispositivos	●		●	
Cambiar status de Wi-Fi	●		●	
NFC*			●	
Recibir SMS y procesarlos		●		
Permisos especiales de las aplicaciones	●	●	●	●

* INTERCONEXIÓN DE DISPOSITIVOS

FUENTE: PÁGINAS DE LAS REDES SOCIALES — GRÁFICO: CARLOS LÓPEZ

Fonte: Martínez (2014).

Devido à alarmante quantidade de dados que as redes sociais obtêm de seus usuários e à violação direta do direito à privacidade, é importante destacar o modelo de negócio que elas operam, pois, todas essas grandes plataformas têm interesses e objetivos econômicos. Como afirma Martínez (2014, s/p, tradução nossa), “Por trás das redes sociais existem empresas que precisam gerar benefícios econômicos. Facebook, Yahoo!, Google e Twitter apostam nos

negócios de publicidade nativa e em usuários móveis para oferecer serviços gratuitos e aumentar suas receitas".

O modelo de negócios do Google e da Meta (que inclui Facebook, Instagram e Messenger) baseia-se na vigilância permanente e manipulação, pois a partir da coleta de dados pessoais e comportamentos nas redes, eles têm a capacidade de realizar vários negócios. Como menciona a Amnesty International (2019, p. 9, tradução nossa):

> Eles podem fornecer serviços que geram receita a partir da acumulação e análise de dados sobre as pessoas. Em vez de cobrar uma tarifa por seus produtos ou serviços, essas empresas exigem que qualquer um que deseje utilizá-los entregue seus dados pessoais.

Isso é atribuído ao grande sucesso das redes sociais, pois mediante grandes sistemas de algoritmos, eles podem segmentar sua audiência monitorando seus comportamentos e, assim, prever os interesses dos internautas para vender informações (Amnesty International, 2019) e, da mesma forma, vender às grandes empresas de marketing e publicidade toda a base de dados obtida; ou seja, o usuário é visto e manipulado como um produto. Além disso, é essencial destacar que, conforme mencionado pela Amnesty International (2019, p. 10, tradução nossa):

> O auge da big data e o constante acompanhamento da vida dos usuários na Internet originou a 'idade de ouro da vigilância' para os Estados: as autoridades têm acesso a informações detalhadas sobre a atividade das pessoas, algo que era inconcebível antes da revolução digital.

Dessa forma, é importante destacar certas atividades realizadas pelas redes sociais que violaram totalmente a privacidade de seus usuários, como quando "o Facebook pagou adolescentes para baixar um aplicativo que rastreava cada ação que realizavam em seus telefones" (Amnesty International, 2019, p. 24, tradução nossa) ou até mesmo quando a própria plataforma admitiu ter manipulado informações para alterar completamente o comportamento de seus usuários. Por exemplo, "influenciou certos cidadãos a votar e elevou (ou diminuiu) o ânimo de alguns usuários mostrando-lhes diversos conteúdos na seção de notícias" (Amnesty International, 2019, p.24, tradução nossa).

2.3. Casos de perda de privacidade em plataformas de mídias sociais

É importante lembrar que "a sociedade atual se estabelece em um mundo em mudança, em uma época de transformações e em um período de transição para a adaptação da sociedade às novas tecnologias" (Levis, 2014 apud García et al., 2014, p.5, tradução nossa). E para essa adaptação a essas novas plataformas, é imprescindível reconhecer as vantagens que elas

oferecem, assim como as desvantagens e os perigos que podem acarretar. À medida que analisamos as características e os impactos das redes sociais na sociedade atual, torna-se evidente que, embora essas plataformas ofereçam inúmeras vantagens em termos de conectividade e compartilhamento, elas também apresentam riscos significativos, especialmente no que diz respeito à privacidade. Como destaca Levis (2014), a adaptação da sociedade às novas tecnologias exige uma reflexão crítica sobre os benefícios e os desafios dessas plataformas. A seguir, vamos explorar alguns casos reais concretos de perda de privacidade que ocorreram nas redes sociais mais populares, com foco nas consequências negativas que podem resultar do uso inadequado ou da falta de medidas protetivas, ressaltando a gravidade de tais incidentes, que muitas vezes ganham repercussão na mídia e visibilizam um problema crescente na cultura digital.

Embora as redes sociais digitais possam ser potencialmente benéficas, elas também podem se tornar um risco quando não são adotadas as medidas necessárias para proteger a privacidade de seus usuários. Por isso, a seguir, serão apresentados casos que ocorreram como consequência da perda de privacidade nas redes sociais digitais e que ganharam destaque tanto em meios de comunicação locais quanto, muitas vezes, em veículos internacionais devido à sua magnitude. Esses casos foram extraídos de publicações feitas em redes sociais digitais e, posteriormente, oficializados como artigos de notícias por alguns meios de comunicação reconhecidos no Equador, na Espanha e na Argentina.

A seleção dos testemunhos foi realizada com base em critérios que permitissem representar a diversidade de experiências associadas à perda de privacidade nas redes sociais digitais. Optou-se por incluir dois casos de cada plataforma analisada, buscando contemplar diferentes faixas etárias, contextos socioculturais e formas de exposição. Essa escolha teve como objetivo evidenciar que a vulnerabilidade diante da perda de privacidade não se limita a um grupo específico: qualquer pessoa, independentemente de idade ou experiência digital, pode estar sujeita a esse tipo de violação. Além disso, os casos selecionados refletem distintas manifestações desse fenômeno, desde a divulgação não autorizada de informações pessoais até o uso indevido de imagens ou dados, demonstrando a amplitude e a complexidade do problema no ecossistema digital contemporâneo.

É importante ressaltar que esses não são os únicos episódios dessa natureza. Diariamente, situações semelhantes ocorrem nas redes, com milhares de casos atingindo níveis alarmantes de gravidade (Loaiza, 2019). Esses casos evidenciam os riscos à integridade física e moral que os nativos digitais podem enfrentar devido à perda de privacidad

2.3.1. Perda de privacidade no Facebook

"Caso Daniela"

Daniela é uma menina de 15 anos da província de Imbabura (Equador) que *"conversava pelo Facebook com um homem, entre 18 e 20 anos, que ela considerava seu namorado"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa) e, depois de alguns meses de um *"relacionamento virtual, eles combinaram de se encontrar. O local do encontro seria em Carcelén (um setor do Quito-Equador)"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa), para o qual ela viajou para a capital. Quando se encontraram, *"ele a drogou e a estuprou em um motel"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa). Dois dias depois, Daniela recuperou a consciência, *"ligou para seu pai e pediu ajuda"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa). Depois disso, eles apresentaram a respectiva queixa: *"Como Daniela lembrava, havia dois homens: o que deveria ser seu "namorado" e outro homem mais velho, que ela presumia ser o pai daquele que a fez acreditar que era seu namorado"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa). Mas, no final, tudo não passou de uma fraude, pois eles se aproveitaram dessa rede para abusar dela.

"Caso Kevin"

Kevin era um garoto de 14 anos que conheceu um suposto promotor de modelos no Facebook, *"que lhe disse para lhe enviar fotos e prometeu lhe pagar US$ 400 por cada desfile de moda"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa). Para contratá-lo, *"ele convocou Kevin para uma suposta entrevista de emprego, onde o maltratou"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa). Após esse incidente, alguns dias depois, *"Kevin cometeu suicídio"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa). Sua mãe descobriu o que aconteceu depois de encontrar *"conversas e fotos no computador do filho, que faziam parte das provas do caso"* (Loaiza, 2019, s/p, tradução nossa).

2.3.2. Perda de privacidade no Instagram

"Caso Tomás y Mateo"

Mateo e Tomás são dois irmãos argentinos de 12 e 15 anos, respectivamente. Por meio do Instagram, uma suposta garota chilena chamada Paula começou a segui-los e a escrever-lhes mensagens separadas sem que eles soubessem que estavam falando com a mesma pessoa. À medida que ganhavam confiança, ela começou a pedir a Mateo *"fotos nuas em troca de outras dela"* (Ayuso, 2019, s/p, tradução nossa). Ele concordou em enviar a ela depois de pensar que era algo inofensivo, mas Paula começou a ser mais insistente o tempo todo, pedindo mais fotos. Quando Mateo decidiu dizer que não faria mais isso, ela lhe disse: *"Fale com seu irmão, ele*

está na mesma página. Se você não continuar me enviando fotos de vocês dois nus, vou publicar as que já tenho" (Ayuso, 2019, s/p, tradução nossa). Quando Mateo conversou com Tomás, ele confirmou que também tinha esse problema. Depois disso, e com muito medo de que suas fotos fossem divulgadas, eles decidiram bloquear *"o perfil da pessoa que se passava por Paula"* (Ayuso, 2019, s/p, tradução nossa). Além disso, um dos irmãos decidiu excluir todas as fotos e mensagens que haviam tido com ela.

Dias depois, eles decidiram falar com os pais, pois tinham um problema maior: *"um novo perfil entrou em contato com eles: em sua história no Instagram, a pessoa havia postado algumas das fotos dos meninos nus, pixelando seus rostos e genitais"* (Ayuso, 2019, s/p, tradução nossa). Além disso, esse novo perfil marcou todos os seus amigos na foto e escreveu um aviso dizendo: *"da próxima vez, eles sairão sem os rostos cobertos"* (Ayuso, 2019, s/p, tradução nossa). Depois disso, seus pais decidiram ligar para a promotoria e acompanhar o caso após descobrirem que se tratava de um *stalker* por trás do famoso perfil "Paula". Além disso, eles alertaram todos os colegas de classe de Tomás e Mateo, descobrindo que casos semelhantes haviam acontecido com muitos deles.

2.3.3. Perda de privacidade no WhatsApp

"Caso em Vigo"

Uma garota espanhola de 13 anos começou a receber mensagens no WhatsApp de um desconhecido que se passava por alguém amigável e, por isso, ela acompanhou a conversa. Posteriormente, ele começou a *"pedir que ela tirasse fotos de si mesma nua e enviasse as imagens para ele por meio do sistema de mensagens instantâneas WhatsApp. Por sua vez, ele lhe enviou fotos de si mesmo nu"* (Pita, 2017, s/p, tradução nossa). Além disso, *"ele tentou convencer a menina, via WhatsApp, a ir até sua casa para ter relações sexuais completas"* (Pita, 2017, s/p, tradução nossa), mas ela se recusou a fazê-lo.

Esse assédio continuou até que a menina decidiu contar o que estava acontecendo com ela, pois estava sendo ameaçada porque essa pessoa dizia saber onde ela morava. Depois disso, eles conseguiram descobrir quem era o assediador e emitiram *"uma ordem de restrição"* (Pita, 2017, s/p, tradução nossa), e conseguiram descobrir que esses não eram casos isolados, pois ele já havia abusado e assediado outra *"menor de 16 anos"* (Pita, 2017, s/p, tradução nossa).

2.3.4. Perda de privacidade no TikTok

"Caso irmã Carolina Hernández"

A irmã colombiana de Carolina Hernández, de 8 anos, criou uma conta no TikTok para seguir Karol Sevilla, que é uma famosa *"atriz que interpreta a personagem principal da popular série infantil 'Soy Luna'*" (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa). Essa era uma *"conta que tinha mais de 50.000 seguidores, então a garota pensou que fosse real"* (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa) e, quando recebeu mensagens dela, a garota respondeu com alegria, pois pensou que fosse a famosa atriz. Depois de conversarem por um tempo, esse perfil mencionou à menina que estavam realizando um *"concurso, com o qual ela poderia ganhar alguns patins ou dólares"* (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa), e começaram a pedir seus dados pessoais. É nesse momento que a menina responde que vai contar aos pais sobre isso, e *"essa pessoa lhe diz que ela não pode contar aos pais. Ela só pode contar a eles quando o concurso terminar"* (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa).

"Ao ver essa mensagem, a menina decidiu contar aos pais o que estava acontecendo. Assim, eles entraram em contato com o Ministério Público e a Polícia da Colômbia" (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa). Em seguida, para descobrir o que estava acontecendo, eles decidiram criar um *"perfil falso de uma menina de 10 anos"* (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa) a partir do qual essa pessoa começou a escrever para eles da mesma forma e a mencionar coisas semelhantes às que havia mencionado para a menina. *"Depois disso, o usuário do TikTok começou a conversar via WhatsApp com os pais do menor, que fingiam ser uma menina*" (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa), exatamente como na outra conta. Foi assim que descobriram que o número era do Equador. Além disso, enquanto conversavam, *"essa pessoa começou a lhes dizer que, para participar do concurso, deveriam enviar imagens com conteúdo sexual. Depois, pediu que apagassem as conversas de seus telefones*" (Díaz, 2020, s/p, tradução nossa). Desse jeito, eles conseguiram obter pistas mais concretas e descobriram que há uma rede de pedofilia por trás do TikTok. Além disso, depois de publicar o caso nas mídias sociais, ficou claro que havia muitos casos semelhantes com contas falsas se passando pela mesma atriz no Instagram e no Facebook. Finalmente, após as denúncias, essas contas foram fechadas, mas os assediadores não foram presos.

2.3.5. Perda de privacidade no Tinder

"Caso Daniela"

Daniela é uma jovem estudante universitária de Quito que decidiu usar o aplicativo Tinder. Lá, ela começou a seguir uma pessoa chamada Diego que *"tinha o nome dela no aplicativo, mas usava fotos falsas"* (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). Quando começaram a conversar, ele pediu o número de telefone dela e ela o deu pensando que ele era alguém confiável. Dias depois, ela tomou a decisão de excluir sua conta desse aplicativo e parou de falar com Diego por lá. No entanto, ele começou a ligar para ela o tempo todo, mas Daniela achava que estava tudo bem, pois *"em seu WhatsApp ele tinha a foto de sua mãe"* (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa), o que lhe dava confiança.

Um dia eles combinaram de se encontrar pessoalmente e, antes de se encontrarem, Diego disse a Daniela: *"Mas tem de ser em um lugar público, porque não vou fazer nada com você*" (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). Esse comentário a surpreendeu, pois eles haviam combinado de se encontrar em um local público, mas ela decidiu seguir em frente com o encontro planejado. Eles se encontraram na Plaza Foch (um bairro em Quito-Equador) à tarde e *"ele estava usando óculos e boné o tempo todo"* (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). *"Depois disso, ele a convidou para jantar e conversar mais. Eles caminharam até um local onde ele a agrediu"* (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). Sobre isso, Daniela (2019 apud El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa) comenta que:

> *Estávamos comendo lula quando ele começou a me dizer que eu era uma pessoa vazia, que tinha sido tão usada que agora estava usando os homens. Que eu não merecia amor, por tantas coisas que tinha feito, e que se eu morresse no dia seguinte, nunca teria amado ninguém e ninguém nunca teria me amado. Que, por ser voluptuosa e por causa do meu rosto e do meu cabelo, chamo a atenção, e acho que tenho o direito de machucar os homens, mas tudo isso voltará para mim. E que a única pessoa que pode me amar é ele, que a única pessoa que pode perdoar tudo o que eu fiz é ele e que ele poderia ser o pai dos meus filhos, que ele poderia se casar comigo, que eu só tinha que aceitar que esse era o meu destino e que Deus o havia enviado.*

Depois disso, Diego disse a ela: *"Não é a primeira vez que eu te vejo, querida. Estou vendo você desde 2014"* (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). Além disso, ele contou a ela que, há cinco anos, ele a via na rua todos os dias quando ela saía e voltava da universidade. Ele também descreveu perfeitamente várias ocasiões em que a viu, incluindo as roupas com as quais ela estava vestida. Depois disso, Daniela ficou assustada, mas não tanto quanto quando Diego disse a Daniela que ela *"era uma pessoa tão vazia que não havia percebido que ele era um impostor, que não era a pessoa nas fotos, que ele havia usado as fotos de uma pessoa morta*

para se encontrar com ela" (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). Com essas palavras, ela decidiu sair mais cedo do local em que estava para não sofrer nenhum dano.

Quando chegou em casa, ela o bloqueou em todas as redes e perdeu o contato com Diego. No entanto, ela viu várias vezes que ele a estava seguindo. Quando ela entrava em um ônibus, ele estava lá. Quando ela descia, ele também estava lá. Além disso, em todas as ruas em que Daniela andava (não apenas as da universidade), Diego sempre aparecia por perto. O homem a perseguiu por alguns meses e, na última vez que Daniela o viu na rua, pediu-lhe que a deixasse em paz, mas ele respondeu: *"querida, você vai se casar comigo, sabe que o único que pode amá-la sou eu*" (El Comercio, 2019, s/p, tradução nossa). Finalmente, depois de tudo isso, Daniela decidiu registrar uma queixa na polícia na esperança de que o assédio que começou um dia quando ela cometeu um erro no Tinder finalmente terminasse.

Após a apresentação desses casos e relatos envolvendo situações de perda de privacidade nas redes sociais digitais, fica evidente que existem riscos concretos em relação ao uso das redes por parte de qualquer pessoa, mas em especial, quando se trata de jovens e adolescentes, há questões mais sensíveis que se referem à insegurança afetiva e emocional, as ameaças e chantagens envolvendo familiares, a perseguição, entre outros fatores. Por essa razão, é fundamental criar uma cultura de segurança nas redes sociais digitais, que ofereça mecanismos de proteção, principalmente, para jovens e adolescentes.

Com isso, no próximo capítulo apresentaremos o procedimento metodológico desta pesquisa, tendo em vista o objeto empírico deste estudo e os sujeitos desta investigação.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A escolha da metodologia de pesquisa é essencial para garantir uma análise rigorosa e fundamentada da problemática abordada. Considerando os objetivos deste estudo, que envolvem a investigação da perda de privacidade e dos discursos de ódio nas redes sociais digitais, optou-se por uma abordagem mista, combinando pesquisa bibliográfica e a metodologia da tertúlia dialógica, explorada mais em profundidade mediante análise de conteúdo. Essa combinação permite tanto a mobilização da fundamentação teórica quanto a obtenção de percepções diretas dos jovens nativos digitais sobre os impactos desses fenômenos.

Esta pesquisa adota um enfoque qualitativo, pois busca compreender os significados e as percepções dos indivíduos em relação à perda de privacidade e aos discursos de ódio no ambiente digital. De acordo com Creswell (2007), a pesquisa qualitativa permite explorar fenômenos complexos a partir da perspectiva dos participantes, proporcionando uma análise detalhada das experiências vividas.

Além disso, é utilizada uma abordagem exploratória, uma vez que o estudo busca aprofundar o entendimento sobre um tema contemporâneo que apresenta múltiplas implicações sociais e psicológicas (Gil, 2008). A abordagem exploratória possibilita levantar hipóteses e compreender os fatores subjacentes às dinâmicas das redes sociais no que tange à privacidade e ao discurso de ódio.

A pesquisa bibliográfica constitui uma etapa essencial de qualquer investigação científica, pois permite mapear o estado da arte de um determinado tema, identificar lacunas existentes, orientar a formulação de hipóteses e, sobretudo, fundamentar teoricamente a proposta de estudo. Este tipo de pesquisa envolve a seleção, leitura crítica e análise de publicações acadêmicas relevantes, como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos institucionais, que oferecem embasamento e legitimidade à investigação.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183) a pesquisa bibliográfica possibilita "analisar e sistematizar conhecimentos já produzidos", oferecendo uma base sólida sobre o tema em questão. Para os autores, trata-se de um método indispensável à construção do referencial teórico, pois orienta o pesquisador na compreensão das contribuições já realizadas e das teorias existentes, evitando redundâncias e possibilitando novos enfoques.

Gil (2008, p.44) reforça essa visão ao afirmar que a pesquisa bibliográfica "não se limita à coleta de dados, mas envolve a análise crítica e comparativa das informações extraídas das fontes", o que exige do pesquisador uma postura ativa e reflexiva. Além disso, segundo Severino (2007), ela cumpre um papel formativo, permitindo o contato com diferentes

perspectivas teóricas e metodológicas que enriquecem o processo investigativo e contribuem para a maturidade intelectual do pesquisador.

Nesse sentido, a presente pesquisa fundamenta-se em ampla revisão bibliográfica, que está refletida nos capítulos teóricos desta Dissertação do Mestrado. Esse levantamento possibilitou compreender os debates atuais sobre privacidade digital, discursos de ódio e juventude, e serviu de base para o desenvolvimento das questões de pesquisa e da fundamentação metodológica adotada.

3.1. Tertúlia dialógica

Para complementar a pesquisa teórica, se adotou una metodologia empírica baseada na realização de uma tertúlia dialógica com jovens nativos digitais equatorianos (18 a 25 anos), grupo que representa os principais usuários das redes sociais na atualidade e, portanto, está mais exposto aos fenômenos estudados (Prensky, 2001).

A tertúlia dialógica é uma técnica qualitativa de pesquisa fundamentada na metodologia dialógica, proposta por autores como Jesús Gómez (2003), Carmen Elboj (2003), Paulo Freire (1997) e Jürgen Habermas (1987). Diferente de grupos focais tradicionais, a tertúlia se desenvolve sob os princípios da ação comunicativa (Habermas, 1987), buscando uma comunicação entre iguais e a interpretação coletiva da realidade. Em vez de o pesquisador impor seu ponto de vista, ele atua como facilitador, integrando-se ao grupo como mais um participante.

Essa técnica permite explorar as interpretações e vivências dos participantes a partir de seus próprios contextos e relações cotidianas, valorizando o conhecimento e a subjetividade dos atores sociais. O grupo participante deve ser um grupo natural, ou seja, composto por pessoas que já mantêm relações entre si, e a tertúlia deve ocorrer em um ambiente cotidiano e familiar ao grupo, o que contribui para um espaço de diálogo genuíno e horizontal.

Além disso, ao final da tertúlia os participantes realizam uma validação coletiva e crítica dos resultados da pesquisa. Essa prática garante não apenas a confiabilidade dos dados, mas também um processo verdadeiramente participativo, em que os sujeitos da pesquisa se tornam coautores do conhecimento produzido.

A escolha desta metodologia qualitativa permitiu uma aproximação mais profunda e sensível aos impactos que os discursos de ódio e a perda de privacidade digital geram nos jovens usuários das redes sociais.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Essa metodologia permite categorizar e interpretar

qualitativamente os discursos dos participantes, identificando padrões, recorrências e significados subjacentes aos relatos obtidos.

Além disso, foram analisados testemunhos reais extraídos de redes sociais digitais, a fim de compreender a manifestação empírica dos fenômenos estudados. Essa abordagem possibilita uma triangulação metodológica, fortalecendo a validade dos resultados (Denzin, 1978). Para tanto, criamos categorias analíticas fundamentadas no referencial teórico mobilizado nos capítulos iniciais desta pesquisa para colaborar com a análise do conteúdo.

A adoção de uma metodologia mista, que combina pesquisa bibliográfica e análise empírica, é essencial para a compreensão aprofundada da problemática investigada. A pesquisa bibliográfica permite construir um arcabouço teórico robusto, enquanto a coleta e análise de dados empíricos possibilitam validar e contextualizar as informações no cenário real.

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para o entendimento dos impactos da perda de privacidade e dos discursos de ódio nas redes sociais, além de fornecer subsídios para futuras investigações acadêmicas sobre o tema.

4. A APLICAÇÃO DO MÉTODO

Este tópico apresenta a aplicação concreta das metodologias utilizadas nesta pesquisa: a pesquisa bibliográfica, a tertúlia dialógica e a análise de conteúdo. Como abordado no capítulo anterior, a escolha metodológica é uma etapa fundamental para garantir a coerência, a profundidade e a legitimidade científica da investigação.

Diante dos objetivos deste estudo, que busca compreender os impactos da perda de privacidade e dos discursos de ódio nas redes sociais digitais sobre jovens nativos digitais, optou-se por uma abordagem metodológica mista, que articula dois eixos principais: a revisão bibliográfica, que oferece o embasamento teórico necessário, e a tertúlia dialógica, que proporciona o acesso a interpretações e experiências vividas diretamente pelos sujeitos da pesquisa. Para interpretar as informações produzidas nesse processo, foi empregada a técnica de análise de conteúdo, permitindo uma leitura sistemática e crítica dos dados coletados.

No Quadro 1 apresentamos o método que foi utilizado de acordo a cada objetivo específico desta pesquisa:

Quadro 1. Relação entre os objetivos específicos e o respectivo método de pesquisa

#	Objetivo específico	Método	Procedimento metodológico
1	Investigar e analisar referências teóricas sobre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes digitais.	Pesquisa bibliográfica, (artigos, livros, e outros materiais).	Buscar em fontes acadêmicas como Google Scholar, Web of Science e Scopus referências em espanhol e em português com os termos "perda de privacidade nas redes sociais", "redes sociais", "perda de privacidade", "Internet e perda de privacidade" “discursos de ódio” e similares.
2	Examinar se existe uma correlação entre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes digitais.	Pesquisa bibliográfica (artigos, livros, e demais materiais), e tertúlia dialógica com nativos digitais.	Buscar em fontes acadêmicas como Google Scholar, Web of Science e Scopus referências em espanhol e em português com os termos "perda de privacidade nas redes sociais e discursos de ódio", "discursos de ódio e perda de privacidade", "discursos de ódio na Internet", "perda de privacidade nas redes" e similares. Realizar uma tertúlia dialógica com um grupo de 20 jovens equatorianos entre 18 e 25 anos de idade (que já possuem convivência natural) para conhecer suas vivências relacionadas a experiências no uso das redes sociais digitais, identificando se há casos de perda de privacidade e discursos de ódio.

3	Investigar e analisar, junto a jovens nativos digitais, com idades entre 18 e 25 anos, o impacto da perda de privacidade e dos discursos de ódio em suas interações nas redes sociais digitais.	a. Pesquisa bibliográfica (artigos, livros, e outros materiais), b. Tertúlia dialógica com nativos digitais. c. Análise de conteúdo da tertúlia dialógica.	Buscar em fontes acadêmicas como Google Scholar, Web of Science e Scopus, buscando referências em espanhol e em português sobre as diferentes redes sociais, o papel de cada uma e o impacto que elas têm sobre os jovens. Dentro disso, identificar as consequências complexas (benefícios, ameaças e retrocessos). Resgatar em redes sociais e outros meios de divulgação, testemunhos reais de perda de privacidade nas redes. Realizar uma tertúlia dialógica com um grupo de 20 jovens equatorianos entre 18 e 25 anos de idade para conhecer suas vivências relacionadas a experiências no uso das redes sociais digitais, identificando se há casos de perda de privacidade e discursos de ódio. Gerar análise de conteúdo da tertúlia dialógica por meio de categorias analíticas derivadas do referencial teórico mobilizado.

Fonte: elaborado pela autora

A seguir, detalha-se a aplicação específica de cada uma dessas metodologias no contexto desta investigação.

4.1. Aplicação da Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica constituiu uma etapa fundamental para a construção do referencial teórico deste estudo, proporcionando uma base sólida para a análise dos fenômenos investigados. Para isso, foram consultadas fontes acadêmicas renomadas, como livros, artigos científicos e publicações indexadas em bases de dados como *Google Scholar*, *Web of Science* e *Scopus*, priorizando textos em português, espanhol e inglês, e considerando a relevância e atualidade dos temas abordados.

Importa destacar que parte significativa do levantamento teórico foi inicialmente realizada pela autora deste estudo ao longo de uma investigação prévia desenvolvida nos últimos quatro anos, cujas reflexões e leituras iniciais serviram de base para a formulação desta pesquisa de mestrado. Esse material foi revisto, atualizado e ampliado ao longo do último ano, com o objetivo de incorporar os estudos mais recentes sobre os temas centrais da pesquisa.

As buscas foram organizadas conforme os objetivos específicos da investigação, tal como apresentado anteriormente no Quadro 1:

- Para o **Objetivo 1** (*Investigar e analisar referências teóricas sobre a perda de privacidade e discursos de ódio nas redes digitais*), foram utilizados termos como: *"perda de privacidade nas redes sociais", "redes sociais", "perda de privacidade",*

"internet e privacidade", “discursos de ódio”, entre outros.

- Para o **Objetivo 2** (*Examinar se existe uma correlação entre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes digitais*), foram pesquisadas combinações como: *"discursos de ódio e privacidade", "discursos de ódio na internet", "perda de privacidade nas redes"*, entre outras similares.
- Para o **Objetivo 3** (*Investigar e analisar, junto a jovens nativos digitais, com idades entre 18 e 25 anos, o impacto da perda de privacidade e dos discursos de ódio em suas interações nas redes sociais digitais*), a pesquisa incluiu referências sobre as diferentes plataformas digitais, o papel das redes sociais na vida dos jovens, bem como as consequências positivas e negativas de seu uso. Além disso, foram resgatados testemunhos reais de usuários em redes sociais e meios de comunicação locais, que relataram experiências concretas de exposição, ataques virtuais e perda de controle sobre a própria privacidade.

Essa estratégia metodológica permitiu relacionar os resultados teóricos com a realidade empírica observada no contexto equatoriano, oferecendo subsídios consistentes para a interpretação dos dados coletados e para a articulação entre teoria e prática ao longo da pesquisa.

4.2. Aplicação da Tertúlia Dialógica

Como parte da abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa, foi realizada uma tertúlia dialógica com jovens nativos digitais, com idades entre 18 e 25 anos, na cidade de Quito, Equador. Esta técnica se fundamenta na metodologia dialógica, proposta por autores como Elboj; Gómez (2003), Paulo Freire (1970) e Jürgen Habermas (1984), e tem como base a construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo entre iguais, em contextos cotidianos e não hierarquizados (Elboj; Gómez, 2003).

Vale ressaltar, como mencionado anteriormente, que os participantes escolhidos para esta investigação foram nativos digitais, conforme definido por Prensky (2001). A escolha se justifica não apenas pelo fato de pertencerem a uma geração que cresceu imersa nas tecnologias digitais, mas também por se encontrarem em uma fase crucial de formação de caráter, marcada por elevada vulnerabilidade emocional e social, na qual as decisões tomadas podem ter efeitos duradouros. Além disso, este grupo funciona como um verdadeiro termômetro do que acontece no universo digital, refletindo tendências, riscos e oportunidades que emergem nas interações online e que impactam de forma direta a construção da identidade e a vivência social no ciberespaço.

A realização da tertúlia foi possível graças ao apoio da professora María Fernanda Paredes, da Universidade San Francisco de Quito (USFQ), com quem a autora entrou em contato no mês de julho de 2025. A docente gentilmente cedeu um espaço em sua aula da disciplina ‘Estrategias Digitales’ (Estratégias Digitais) para a aplicação da atividade. Vale destacar que a autora desta pesquisa é ex-aluna da USFQ, graduada em Comunicação, o que fez com que o ambiente da sala de aula se configurasse como um espaço natural, acolhedor e não forçado, característica essencial das tertúlias dialógicas. Como afirmam Elboj e Gómez (2003, p. 87, tradução nossa) “o grupo natural facilita a existência desse espaço de diálogo necessário para a tertúlia”.

Participaram da tertúlia 20 jovens, do gênero masculino e feminino, todos estudantes universitários da USFQ, provenientes de diferentes cursos, como Comunicação, Design, Administração, Psicologia e Engenharia. Apesar da diversidade de formações, todos compartilhavam um interesse comum pelo mundo digital, o que os levou a cursar a disciplina ‘Estrategias Digitales’. Essa afinidade gerou uma atmosfera de envolvimento genuíno e contribuiu para a riqueza das reflexões compartilhadas. Todos os participantes estiveram ativamente envolvidos na conversa, contribuindo de forma equitativa e demonstrando interesse nas experiências e opiniões dos colegas, o que reforçou o caráter colaborativo e horizontal próprio das tertúlias dialógicas.

Adicionalmente, a tertúlia foi realizada sem aviso prévio aos estudantes, o que contribuiu para a espontaneidade do encontro e garantiu que o espaço comunicativo não estivesse condicionado por expectativas ou comportamentos preparados com antecedência, favorecendo, portanto, uma interação genuína. Segundo os mesmos autores (Elboj; Gómez, 2003, p. 88, tradução nossa):

> o uso do contexto físico habitual do grupo permite uma relação descontraída, em um ambiente conhecido […] Essa descontração que o ambiente familiar oferece ajuda a criar o espaço entre iguais necessário para o desenvolvimento da tertúlia.

Após o aceite da professora, esta pesquisadora elaborou e compartilhou com ela uma ficha de facilitação, contendo a estrutura da sessão, o texto base e as perguntas orientadoras da discussão, conforme descrito a seguir:

Quadro 2. Proposta de facilitação da tertúlia dialógica

Ficha de Facilitação – Tertúlia Dialógica Universitária

Tema: *Privacidade nas redes sociais e discursos de ódio*
Duração estimada: *60 minutos*
Objetivo geral: *Refletir de forma crítica e coletiva sobre o impacto das redes sociais na privacidade e a exposição a discursos de ódio, conectando teoria com experiências pessoais.*

Estrutura da sessão:

1. Boas-vindas e introdução (10 min)

-Apresentação própria e breve contexto
-Estabelecimento de regras básicas de escuta e respeito
-Espaço opcional para os participantes compartilharem um pouco sobre o tema

2. Diálogo principal (40–60 min)

-Discussão livre mediada por perguntas-chave
-Moderação com ênfase em horizontalidade e escuta ativa

3. Síntese coletiva e encerramento (10 min)

-Reflexões finais: o que aprendemos e o que levamos da experiência
-Possibilidades de ação individual ou coletiva

Perguntas-chave para a tertúlia

Conexão pessoal:

-Vocês já sentiram que sua privacidade foi invadida nas redes sociais? Como viveram essa situação?
-O que significa "privacidade digital" para vocês? Acham que estão protegendo-a?
-Já foram testemunhas ou vítimas de discursos de ódio nas redes? Como reagiram?
-Que tipo de informação pessoal vocês compartilham mais abertamente? Por que essa e não outra?

Crítica e análise:

-Por que vocês acham que muitos jovens não configuram sua privacidade ou não leem as políticas? E vocês, têm sua privacidade configurada?
-Até que ponto vocês acham que têm controle sobre suas informações digitais?

Discursos de ódio:

-Já viram ou receberam mensagens de ódio nas redes? O que sentiram ou fizeram?
-Vocês acham que as plataformas fazem o suficiente para regular esses discursos?

Identidade digital:

-Vocês acham que mostramos quem realmente somos nas redes?
-Sentem alguma pressão para opinar ou se calar sobre certos temas por medo de rejeição ou ódio?

Fonte: elaborado pela autora

Partindo do diário de campo produzido diante da experiência com a tertúlia dialógica, esta pesquisadora passa a relatar o desenvolvimento das atividades junto ao grupo de estudantes, conforme descrito anteriormente.

A tertúlia dialógica foi realizada na segunda-feira, 7 de julho de 2025, às 11h, na sala da disciplina de Estratégias Digitais, na "Universidad San Francisco de Quito", campus Quito no Equador, país natal desta pesquisadora. Participaram 20 jovens, estudantes de diferentes áreas acadêmicas, com idades entre 18 e 25 anos. O grupo era composto por pessoas do gênero masculino e feminino, em cursos como Comunicação, Design, Administração, Psicologia e Engenharia, todos unidos por um interesse comum pelo universo digital, motivo pelo qual optaram por cursar a disciplina. Essa afinidade contribuiu para a criação de um ambiente participativo e colaborativo, no qual todos os presentes se envolveram ativamente na conversa, compartilhando experiências, percepções e reflexões de maneira equitativa — característica essencial da metodologia dialógica adotada nesta pesquisa.

Durante os primeiros minutos, enquanto os alunos chegavam, a autora aproveitou para interagir informalmente com o grupo, apresentando-se de forma descontraída, estabelecendo vínculos e criando uma atmosfera de confiança e familiaridade, tal como apresentado na Figura 3. Essa prática está em consonância com os princípios metodológicos da tertúlia dialógica, pois: "o/a pesquisador/a participa com o grupo estabelecido […], integrando-se ao grupo natural" (Elboj; Gómez, 2003, p. 88, tradução nossa).

Figura 3. A autora com tudo pronto e interagindo com os estudantes.

Fonte: Foto da atividade capturada pela autora

Em seguida, a professora María Fernanda Paredes apresentou oficialmente a autora e explicou ao grupo que ela conduziria uma conversa sobre privacidade e discursos de ódio nas redes sociais. A partir desse momento, a tertúlia foi iniciada e gravada com o consentimento dos participantes, respeitando os princípios éticos e metodológicos pertinentes à pesquisa social dialógica.

Dessa forma, após dar início à gravação (por meio de celular) com o consentimento dos presentes, a autora se apresentou aos estudantes. Compartilhou aspectos pessoais de sua trajetória, destacando que também foi aluna daquela mesma universidade e que, atualmente, cursa seu mestrado no Brasil. Essa introdução buscou estabelecer um vínculo de empatia e horizontalidade com o grupo, criando um ambiente confortável e acessível, princípio essencial da metodologia dialógica. Assim, a autora também compartilhou a origem do seu interesse pelo tema, que remonta à graduação em Comunicação na própria "Universidad San Francisco de Quito". Em 2021, desenvolveu uma campanha de comunicação intitulada "Tuas Redes, Tuas Regras"[8], cujo objetivo era promover a alfabetização digital e o empoderamento dos nativos digitais frente aos riscos da exposição online. Essa experiência foi significativa para os estudantes presentes, pois reforçou a pertinência prática do tema e aproximou ainda mais a pesquisadora do grupo. Na Figura 4, é possível observar a pesquisadora realizando essa aproximação com os estudantes.

Figura 4. A autora fazendo a exposição para gerar aproximação.

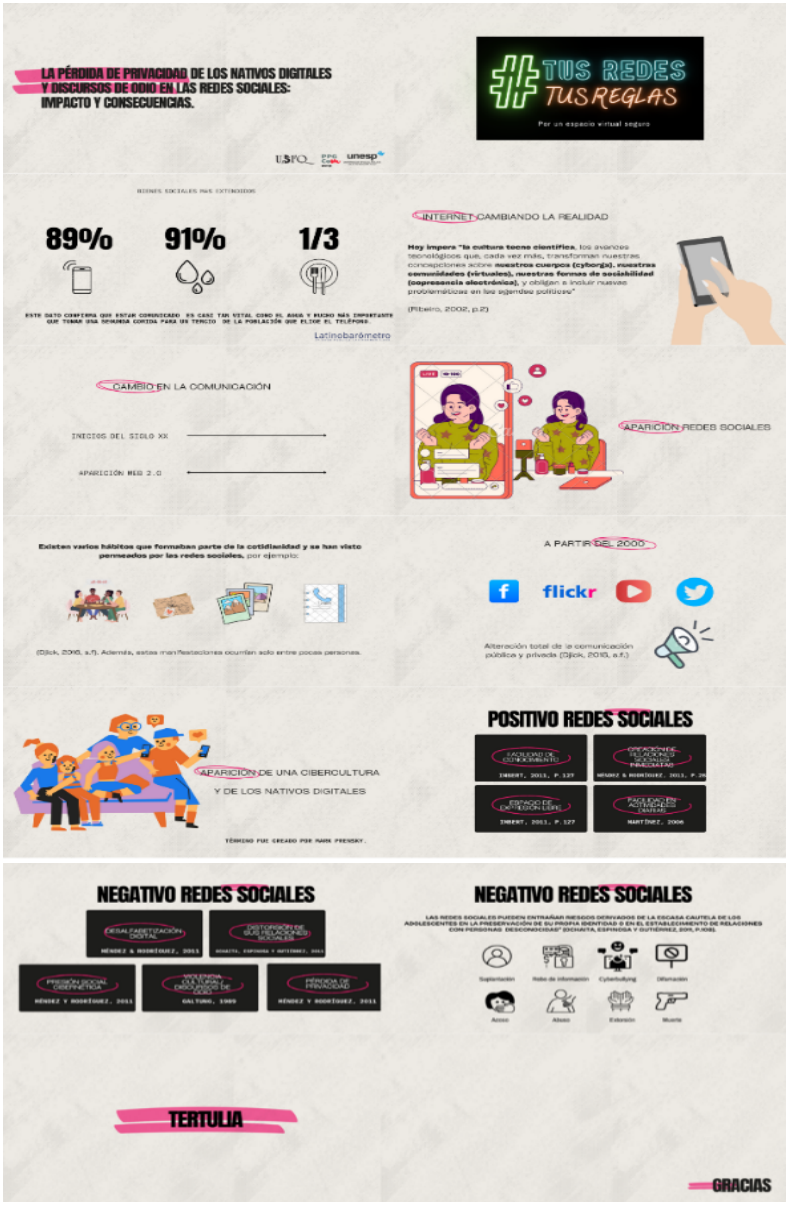
Fonte: Foto da atividade capturada por María Fernanda Paredes

[8] Acceso ao resumo da campanha aqui: https://www.canva.com/design/DAGzqA95-kc/5W-AzQOHJ8NAaa9rP1PIMw/view?utm_content=DAGzqA95-kc&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=uniquelinks&utlId=hd4a336309d

Como ponto de partida para a discussão, a autora lançou a pergunta: *"Vocês já pararam para pensar sobre o tema da privacidade nas redes ou já vivenciaram algo relacionado?"*. Algumas respostas espontâneas surgiram, permitindo abrir o diálogo inicial. Em seguida, foi realizada uma apresentação breve com 14 slides, elaborada com o intuito de oferecer um panorama geral e acessível sobre os temas abordados.

Durante a apresentação, foram tratados assuntos como: o surgimento das redes sociais, as transformações na comunicação interpessoal, o conceito de nativos digitais (Prensky, 2001), os aspectos benéficos e prejudiciais das plataformas digitais, e os desafios relacionados à privacidade e à exposição online. Na Figura 5 é possível evidenciar os slides utilizados.

Figura 5. Slides utilizados



Fonte: Elaborado pela autora

Com esse pano de fundo, iniciou-se o momento principal da tertúlia: a discussão coletiva e aberta. A autora convidou os participantes a compartilhar experiências pessoais relacionadas à privacidade digital e discursos de ódio nas redes. A partir das primeiras falas espontâneas, o grupo engajou-se de forma natural na conversa. Vários jovens relataram situações vividas por eles ou por conhecidos, e essas histórias serviram como gatilho para novas reflexões e trocas de experiências.

Ao longo da conversa, a autora atuou como facilitadora do processo dialógico, inserindo as perguntas planejadas de maneira fluida e não impositiva. Dessa forma, os temas propostos foram se desenrolando organicamente, em um ambiente horizontal e colaborativo, exatamente como recomenda a metodologia proposta por Elboj e Gómez (2003, p. 87, tradução nossa):

> A tertúlia pretende criar espaços de diálogo entre iguais, onde a comunicação não fique submetida à ação estratégica [...] As interpretações surgem a partir da comunicação intersubjetiva estabelecida entre os participantes.

A conversa se desenvolveu ao longo de aproximadamente 60 minutos de interação contínua, demonstrando o envolvimento e a relevância do tema para os jovens presentes. Ao final, a autora apresentou algumas conclusões preliminares, que foram validadas pelos participantes, muitos dos quais acrescentaram novos comentários e interpretações. Isso confirma o que afirmam os autores sobre a tertúlia como um processo coletivo de construção do conhecimento: “A tertúlia é uma interpretação coletiva da realidade [...] o próprio grupo é quem vai orientando e reorientando o conteúdo do diálogo” (Elboj; Gómez, 2003, p. 89, tradução nossa).

Encerrada a atividade formal, vários estudantes permaneceram no espaço, demonstrando interesse e reflexão prolongada sobre os temas discutidos. Alguns solicitaram orientações à autora, baseadas em sua pesquisa e experiência, o que resultou em um diálogo final espontâneo e transformador. Esse momento reforça um dos propósitos centrais da metodologia dialógica: “O diálogo comporta uma postura crítica e é fundamental para a construção da curiosidade epistemológica. [...] Através desse processo, chegamos a interpretações consensuadas” (Elboj; Gómez, 2003, p. 83, tradução nossa).

Em síntese, a realização da tertúlia dialogada demonstrou o potencial desta metodologia para promover um espaço de escuta ativa, interpretação compartilhada e conscientização coletiva, especialmente entre jovens imersos no ambiente digital. A interação entre os participantes revelou percepções valiosas e experiências pessoais que enriquecem a

compreensão dos fenômenos estudados.

Com base nesse material empírico produzido, passamos agora à aplicação da análise de dados e de conteúdo, que permitiu sistematizar as falas e identificar as categorias emergentes a partir do diálogo construído coletivamente.

4.3. Aplicação da Análise de Conteúdo

Após a revisão bibliográfica apresentada anteriormente, foram selecionadas e organizadas as fontes mais relevantes, que fundamentaram teoricamente os capítulos de base desta pesquisa. Essa fundamentação teórica não apenas permitiu compreender os conceitos centrais, como privacidade digital, discursos de ódio e nativos digitais, mas também ofereceu subsídios para a construção das categorias analíticas utilizadas na etapa de análise de conteúdo dos dados empíricos.

A partir da tertúlia dialógica realizada com jovens nativos digitais, foi possível coletar um conjunto significativo de dados qualitativos, os quais foram organizados e analisados com base nos critérios da análise de conteúdo, conforme previamente apresentado neste relatório.

Após a gravação da tertúlia, o áudio foi transcrito[9] com ajuda da inteligência artificial, respeitando as falas espontâneas e naturais dos participantes. Em seguida, foi realizada uma leitura flutuante da transcrição, a fim de identificar os principais eixos de sentido presentes no diálogo coletivo. A partir dessa leitura inicial, iniciou-se o processo de codificação temática, agrupando os conteúdos recorrentes em categorias analíticas emergentes, construídas com base nas falas dos próprios participantes e articuladas com os conceitos discutidos na fundamentação teórica.

Vale destacar que todo esse processo interpretativo foi sustentado pelos objetivos específicos da pesquisa, especialmente aqueles que buscavam compreender as percepções e experiências dos jovens sobre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes sociais digitais.

Entre as categorias que emergiram da análise de conteúdo, destacam-se as seguintes apresentadas no Quadro 3:

[9] As gravações e as transcrições estão sob a responsabilidade da autora desta pesquisa e não podem ser divulgadas, a fim de assegurar a proteção e o anonimato dos participantes.

Quadro 3. Categorias da análise de conteúdo

Categoria	Descrição
Percepção sobre a privacidade digital	Vários participantes demonstraram incerteza quanto ao real significado de "privacidade digital" e reconheceram que, embora se preocupem com sua exposição nas redes, raramente configuram adequadamente seus perfis ou compreendem as políticas de uso das plataformas.
Experiências pessoais de invasão de privacidade	Relatos sobre momentos em que se sentiram expostos ou vigiados foram frequentes. Situações como vazamento de fotos, uso indevido de dados ou mensagens ofensivas foram compartilhadas como exemplos do impacto emocional e psicológico da falta de controle sobre a própria presença online.
Convivência com discursos de ódio	A maioria dos participantes afirmou já ter presenciado ou sofrido ataques nas redes, especialmente por opiniões políticas, aparência ou orientação sexual. As reações variaram entre a naturalização desses comportamentos e a indignação, demonstrando diferentes níveis de consciência crítica frente a esse fenômeno.
Relação contraditória com as redes sociais	Embora reconheçam os riscos e impactos negativos, muitos jovens afirmaram que não conseguem se desconectar ou limitar o uso das redes, revelando uma tensão entre dependência digital e desejo de proteção.
Desejo de maior educação digital	A tertúlia também revelou uma demanda latente por mais espaços de diálogo e formação sobre esses temas, confirmando a importância da alfabetização digital crítica.

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada uma dessas categorias será aprofundada na próxima seção, por meio de trechos representativos das falas e sua articulação com os autores que embasaram esta pesquisa. A análise dos dados confirma a relevância dos fenômenos investigados e oferece evidências concretas da forma como os jovens vivenciam e percebem os desafios da vida digital.

4.4. Análise e Interpretações

A análise de conteúdo foi aplicada com o objetivo de interpretar de forma sistemática e aprofundada os dados obtidos durante a tertúlia dialógica realizada com jovens nativos digitais. Partindo da transcrição[10] do encontro, procedeu-se à leitura flutuante e posterior codificação, identificando unidades de registro e sentido alinhadas aos objetivos da pesquisa. Em seguida, essas unidades foram agrupadas em categorias temáticas que sintetizam os principais resultados e permitem articular as falas dos participantes com o referencial teórico previamente construído.

O processo seguiu as orientações metodológicas de Bardin (2011), mencionadas anteriormente, que definem a análise de conteúdo como um "conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens" (p.47, tradução nossa). Essa abordagem

[10]As gravações e as transcrições estão sob a responsabilidade da autora desta pesquisa e não podem ser divulgadas, a fim de assegurar a proteção e o anonimato dos participantes.

possibilitou não apenas a identificação de padrões e recorrências, mas também a valorização de particularidades e nuances expressas nas falas.

As categorias finais foram definidas de maneira indutiva, e posteriormente validadas com base no referencial teórico. Foram estabelecidas cinco categorias centrais, como observadas no Quadro 3, apresentado anteriormente: 1) percepção sobre a privacidade digital; 2) experiências pessoais de invasão de privacidade; 3) convivência com discursos de ódio; 4) relação contraditória com as redes sociais; e 5) educação digital e alfabetização crítica.

Essa organização permitiu compreender de forma articulada as dimensões subjetivas, sociais e culturais que permeiam as experiências dos jovens em relação à perda de privacidade e aos discursos de ódio no ambiente digital, possibilitando um diálogo direto entre os dados empíricos e a fundamentação teórica construída ao longo desta pesquisa.

4.4.1. Percepção sobre a privacidade digital

A categoria 1 - *"Privacidade digital"* emergiu de forma recorrente nas falas dos participantes, evidenciando tanto incertezas conceituais quanto práticas limitadas de proteção de dados. Durante a tertúlia, observou-se que muitos jovens não possuem clareza sobre o significado exato do termo, associando-o apenas a configurações básicas de perfis ou à restrição de acesso a fotos e publicações. Essa visão restrita indica uma lacuna de compreensão sobre o alcance e a complexidade do conceito.

Conforme relatado por um dos participantes, *"acho que privacidade digital é só colocar meu perfil no modo privado, mas não sei exatamente o que mais poderia fazer"* (Tertúlia, 12min45s). Outro acrescentou: *"eu me preocupo, mas nunca li as políticas das redes sociais, acho que quase ninguém lê"* (Tertúlia, 15min02s). Essas percepções refletem a superficialidade com que a privacidade é abordada pelos nativos digitais.

A literatura confirma que, apesar do crescente debate sobre a proteção de dados, os usuários tendem a adotar medidas básicas e, muitas vezes, ineficazes de proteção, seja por desconhecimento, seja por subestimação dos riscos (Castells, 2003, p. 79; Boyd; Ellison, 2007, p. 219). Como destacam Costa e Silva (2019, p. 44), "a privacidade digital não se limita ao controle de acesso, mas envolve compreender como, onde e por quem os dados são coletados, processados e utilizados".

Durante a discussão, também emergiu a percepção de que, embora exista preocupação com a exposição, o sentimento predominante é de impotência frente à dimensão do fluxo de informações pessoais online. Um dos depoimentos resume essa contradição: *"mesmo que eu configure, sinto que eles já sabem tudo sobre mim"* (Tertúlia, 18min20s). Tal sensação de

vigilância permanente dialoga com o que Zuboff (2019, p. 15) denomina “capitalismo de vigilância”, no qual a coleta massiva de dados é central para o modelo econômico das plataformas, como foi mencionado no marco teórico.

Além disso, os participantes relataram situações concretas de perda de privacidade, que variaram desde o recebimento de mensagens suspeitas de desconhecidos após curtirem ou comentarem conteúdos públicos, até a clonagem de contas em redes sociais e o uso não autorizado de fotos em perfis falsos. Houve também menções a casos de exposição involuntária, como quando amigos ou familiares publicam imagens sem consentimento, ou quando informações pessoais fornecidas em aplicativos foram posteriormente usadas para publicidade direcionada de forma excessiva. Esses exemplos revelam que, para além da percepção teórica do risco, a perda de privacidade é uma experiência tangível na vida dos nativos digitais, com impactos emocionais e sociais imediatos.

A partir dos relatos e da fundamentação teórica, percebe-se que a privacidade digital, no contexto dos nativos digitais, é compreendida de maneira fragmentada, frequentemente limitada a ações superficiais de proteção, ao mesmo tempo em que convivem com a consciência, e muitas vezes a resignação, de que seus dados circulam e são explorados em escalas que fogem ao seu controle.

4.4.2. Experiências pessoais de invasão de privacidade

A categoria 2 - *“Invasão de privacidade”* concentrou relatos marcados por experiências diretas de exposição indevida, acesso não autorizado a informações pessoais e compartilhamento não consentido de conteúdo. Entre os participantes, surgiram exemplos concretos, como o vazamento de fotos privadas, clonagem de contas e recebimento de mensagens invasivas.

Uma das falas ilustra o impacto emocional dessas situações*: “Uma vez publicaram uma foto minha sem eu saber, e todo mundo da faculdade viu, foi muito constrangedor”* (Tertúlia, 12min45s). Outro participante relatou: *“Me hackearam e mandaram mensagens para meus amigos como se fosse eu”* (Tertúlia, 18min02s). Essas experiências reforçam que a invasão de privacidade nas redes sociais não é percebida como uma ameaça distante, mas como um risco real e recorrente.

Do ponto de vista teórico, Solove (2008) enfatiza que a privacidade digital não é apenas a ausência de vigilância, mas o controle efetivo sobre a circulação e o uso das informações pessoais. Nesse sentido, a invasão representa uma quebra desse controle, com repercussões psicológicas, sociais e até jurídicas. Doneda (2019, p. 56) complementa que “a perda de

privacidade afeta a autonomia individual, gerando insegurança e medo".

Também emergiu da tertúlia a percepção de que, em alguns casos, as vítimas preferem não denunciar ou buscar apoio institucional, seja por vergonha, seja por não acreditarem que as plataformas ou as autoridades tomarão medidas eficazes. *"Não adianta denunciar, eles nunca respondem ou resolvem"* (Tertúlia, 22min15s), disse um dos jovens. Essa descrença dialoga com estudos como o de Livingstone (2014), que demonstram a ineficiência de muitos mecanismos de proteção online e a dificuldade de responsabilizar os agressores.

Outro aspecto discutido foi a sensação de invasão indireta, quando informações pessoais são usadas por terceiros sem consentimento explícito, mesmo sem intenção de causar dano imediato. *"Uma amiga marcou meu nome em um post com meu endereço sem perguntar"* (Tertúlia, 15min47s), relatou uma jovem. Esse tipo de ocorrência, ainda que menos grave do ponto de vista legal, reforça a vulnerabilidade estrutural dos dados no ambiente digital.

Os relatos coletados indicam que, para esses jovens, a invasão de privacidade é uma ameaça concreta, que combina aspectos técnicos, como falhas de segurança, com fatores culturais e comportamentais, como a exposição voluntária e a confiança excessiva em contatos virtuais. Essa complexidade exige respostas que unam tecnologia, educação e legislação específica, reforçando a importância de compreender o fenômeno em múltiplos níveis.

4.4.3. Convivência com discursos de ódio

A categoria 3 - *"Convivência com discursos de ódio"* revelou-se especialmente sensível durante a tertúlia, mobilizando memórias e emoções intensas entre os participantes. A maioria afirmou já ter presenciado ou sofrido ataques nas redes sociais, motivados por divergências de opinião, aparência física, gênero ou orientação sexual. Em alguns casos, o contato com esse tipo de conteúdo gerou sentimentos de indignação, enquanto em outros levou à normalização da violência verbal como parte do cotidiano online.

Uma participante compartilhou: *"Já recebi comentários ofensivos sobre minha aparência em uma foto, e mesmo apagando, fiquei pensando nisso por dias"* (Tertúlia, 12min32s). Outro acrescentou: *"Nas eleições, vi muita gente brigando nos comentários, e até amigos meus deixaram de se falar"* (Tertúlia, 18min47s). Esses relatos evidenciam que os discursos de ódio extrapolam a esfera virtual, produzindo impactos emocionais e sociais concretos.

Do ponto de vista conceitual, autores como Gagliardone et al. (2015, p) definem discurso de ódio como qualquer forma de expressão que incite discriminação, hostilidade ou violência contra indivíduos ou grupos com base em atributos como etnia, religião, gênero ou

orientação sexual. No contexto digital, essas manifestações são amplificadas pela rapidez e pelo alcance das redes sociais (Almeida, 2018; Matos, 2020).

Durante a tertúlia, emergiu também a percepção de que muitas plataformas adotam políticas inconsistentes de moderação, removendo alguns conteúdos enquanto permitem que outros, igualmente ofensivos, permaneçam disponíveis. Como relatou uma participante*: "Já denunciei comentários racistas, mas a plataforma disse que não violava as regras"* (Tertúlia, 22min15s). Essa percepção dialoga com as análises de Matos (2020) e Ribeiro (2021), que destacam que as *big techs*[11] operam sob lógicas comerciais e políticas que nem sempre priorizam a proteção dos usuários.

Além disso, alguns jovens revelaram sentir-se pressionados a silenciar suas opiniões para evitar ataques. *"Tem coisas que eu penso, mas não posto porque sei que vão me atacar"* (Tertúlia, 27min08s), afirmou um deles. Tal comportamento reforça o argumento de Brown (2017) de que o discurso de ódio não apenas agride, mas também limita a participação cidadã no ambiente digital, afetando a liberdade de expressão de forma indireta.

Os resultados demonstram que o discurso de ódio, no contexto analisado, atua como um fator de exclusão e autocensura, exigindo respostas mais efetivas tanto das plataformas quanto das políticas. Nesse sentido, retoma-se a necessidade de formação crítica dos usuários, para que reconheçam, denunciem e combatam essas práticas, reduzindo sua naturalização e impacto social.

4.4.4. Relação contraditória com as redes sociais

A categoria 4 - *"Relação contraditória com as redes sociais"* sintetiza a tensão vivida pelos participantes entre reconhecer os riscos associados ao uso das plataformas digitais e, ao mesmo tempo, manter uma forte dependência delas para interação social, lazer e até atividades acadêmicas ou profissionais. Essa ambivalência foi evidente nas falas, revelando que, embora os jovens saibam das ameaças à privacidade e da presença de discursos de ódio, muitos não conseguem, ou não querem, reduzir seu tempo de uso.

Uma participante afirmou: *"Sei que as redes fazem mal em vários sentidos, mas não consigo ficar sem, é onde falo com todos"* (Tertúlia, 09min54s). Outro acrescentou: *"Já tentei deletar o aplicativo, mas voltei porque sentia que estava perdendo coisas importantes"*

[11] Big techs: termo usado para se referir às maiores empresas de tecnologia do mundo, geralmente incluindo Google (Alphabet), Apple, Facebook (Meta), Amazon e Microsoft. São caracterizadas por seu alcance global, influência econômica, controle de grandes volumes de dados e capacidade de moldar mercados e comportamentos digitais (Srnicek, 2017, p. 18).

(Tertúlia, 16min11s). Essas falas refletem o que Casale e Fioravanti (2018) descrevem como *fear of missing out (FOMO)*, fenômeno famoso nas redes sociais, caracterizado pela ansiedade de estar desconectado e perder experiências sociais.

A literatura sobre uso de redes sociais reforça que a dependência digital não se limita a questões de entretenimento, mas envolve também a manutenção de vínculos afetivos e a busca de validação social (Boyd, 2014; Turkle, 2017). Turkle (2017, p. 54) fala que "estamos cada vez mais conectados e, ao mesmo tempo, mais dependentes da conexão para nos sentirmos presentes".

Durante a tertúlia, alguns jovens reconheceram que esse vínculo contraditório os leva a aceitar certas perdas de privacidade como parte dos riscos de estar online. *"Acho que não tem como usar e não se expor, então tento não pensar muito nisso"* (Tertúlia, 25min03s), disse um participante. Essa naturalização do risco dialoga com a análise de Livingstone (2008), que aponta para a tendência de os usuários normalizarem práticas potencialmente prejudiciais em troca dos benefícios percebidos das redes sociais.

Outro elemento mencionado foi o papel das redes na construção da identidade social. Uma participante disse*: "Quando fico sem postar nada por muito tempo, parece que as pessoas esquecem de mim"* (Tertúlia, 14min22s), o que demonstra a pressão para manter uma presença constante no espaço digital, reforçando a dependência emocional.

Os resultados indicam que, para esse grupo, as redes sociais não são vistas apenas como ferramentas, mas como espaços centrais da vida cotidiana, cuja ausência gera desconforto e desconexão social. Essa dependência emocional e social, mesmo diante de riscos conhecidos, constitui um desafio significativo para estratégias de educação digital e políticas de proteção online.

4.4.5. Educação digital e alfabetização crítica

A categoria 5 - *"Educação digital e alfabetização crítica"* emergiu na tertúlia como uma necessidade reconhecida pelos próprios participantes. Ao longo das discussões, diversos jovens expressaram o desejo de compreender melhor como funcionam as redes sociais, quais são os mecanismos de coleta e uso de dados e como identificar e lidar com discursos de ódio. Esse interesse surgiu tanto de experiências pessoais negativas quanto da percepção de que a maioria dos usuários não possui conhecimento suficiente para se proteger no ambiente digital.

Uma participante afirmou: *"Ninguém nunca me ensinou sobre privacidade digital, aprendi sozinha e acho que aprendi errado"* (Tertúlia, 08min47s). Outro destacou: *"Acho que devia ter uma matéria na escola sobre como usar a internet de forma segura"* (Tertúlia,

19min55s). Essas falas reforçam o argumento de Buckingham (2015) de que a alfabetização digital deve ir além do uso técnico das ferramentas, envolvendo também competências críticas para interpretar e reagir aos conteúdos e dinâmicas do mundo online.

A literatura aponta que a educação digital crítica é um componente essencial para reduzir vulnerabilidades no uso das redes (Ribeiro, 2021). Fantin (2018, p. 69) defende que "a educação para as mídias digitais deve contemplar aspectos éticos, culturais e políticos, estimulando a reflexão e a participação ativa" (tradução nossa). No mesmo sentido, Ribeiro (2021) enfatiza que a formação crítica possibilita aos usuários reconhecer não apenas os riscos, mas também as potencialidades do espaço digital para o exercício da cidadania.

Durante a tertúlia, a menção à campanha "Tuas Redes, Tuas Regras", desenvolvida pela autora em 2021, despertou interesse e gerou debate sobre a importância de iniciativas que incentivem a autonomia e a responsabilidade digital. Um dos participantes comentou: *"Acho legal quando vejo campanhas que falam disso, porque às vezes não é que a gente não se importe, é que não sabe por onde começar"* (Tertúlia, 26min48s).

Também se destacou a ideia de que a educação digital não deve ser restrita a momentos de crise ou incidentes graves. *"A gente só fala sobre isso quando acontece algo ruim, mas devia ser sempre"* (Tertúlia, 21min15s), observou um participante. Essa perspectiva dialoga com Livingstone e Helsper (2007), que defendem a abordagem contínua e preventiva da educação para a mídia digital, em vez de ações reativas e pontuais.

Os resultados indicam que há uma demanda latente por mais espaços de diálogo e aprendizagem sobre privacidade e convivência ética nas redes sociais, especialmente entre jovens nativos digitais. Essa constatação reforça que a educação digital crítica não deve ser tratada como um complemento opcional, mas como um pilar central para a construção de uma cultura digital mais segura, inclusiva e consciente.

4.5. Quadro resumo

O quadro a seguir apresenta uma síntese das frases chave obtidas a partir da análise de conteúdo da tertúlia dialógica realizada com jovens nativos digitais. As informações estão organizadas em categorias e subcategorias emergentes, identificadas por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, conforme a metodologia proposta por Bardin (2011). Este resumo permite visualizar, de forma estruturada, as principais recorrências, padrões e nuances discursivas, bem como exemplos representativos das intervenções dos participantes. Seu objetivo é facilitar a compreensão global dos resultados e estabelecer uma ponte para a discussão e interpretação posterior dos dados.

Quadro 4. Resumo análise de conteúdo

Categoria	Frases chave
Percepção sobre a privacidade digital	1. *"Acho que privacidade digital é só colocar meu perfil no modo privado, mas não sei exatamente o que mais poderia fazer"* (Tertúlia, 05min12s, tradução nossa). 2. *"Eu me preocupo, mas nunca li as políticas das redes sociais"* (Tertúlia, 07min33s, tradução nossa). 3. *"Mesmo que eu configure, sinto que eles já sabem tudo sobre mim"* (Tertúlia, 11min27s, tradução nossa). 4. *"Acho que a gente se acostumou a dar informações sem pensar, porque todo mundo faz"* (Tertúlia, 09min22s, tradução nossa).
Experiências pessoais de invasão de privacidade	1. *"Uma vez publicaram uma foto minha sem eu saber, e todo mundo da faculdade viu"* (Tertúlia, 12min44s, tradução nossa). 2. *"Me hackearam e mandaram mensagens para meus amigos como se fosse eu"* (Tertúlia, 15min18s, tradução nossa). 3. *"Não adianta denunciar, eles nunca respondem"* (Tertúlia, 18min42s, tradução nossa). 4. *"Descobri que tinham criado um perfil falso com minhas fotos, e fiquei com medo do que poderiam fazer"* (Tertúlia, 16min58s, tradução nossa).
Convivência com discursos de ódio	1. *"Já recebi comentários ofensivos sobre minha aparência e fiquei pensando nisso por dias"* (Tertúlia, 20min09s, tradução nossa). 2. *"Nas eleições, vi muita gente brigando nos comentários, e até amigos meus deixaram de se falar"* (Tertúlia, 23min14s, tradução nossa). 3. *"Já denunciei comentários racistas, mas a plataforma disse que não violava as regras"* (Tertúlia, 24min55s, tradução nossa). 4. *"Depois que dei minha opinião, recebi várias mensagens anônimas me xingando"* (Tertúlia, 22min09s, tradução nossa).
Relação contraditória com as redes sociais	1. *"Sei que as redes fazem mal, mas não consigo ficar sem"* (Tertúlia, 09min54s, tradução nossa). 2. *"Já tentei deletar o aplicativo, mas voltei porque sentia que estava perdendo coisas"* (Tertúlia, 16min11s, tradução nossa). 3. *"Acho que não tem como usar e não se expor"* (Tertúlia, 25min03s, tradução nossa). 4. *"Quando fico muito tempo longe, sinto falta, mas quando estou online demais, me sinto mal também"* (Tertúlia, 18min22s, tradução nossa).
Desejo de maior educação digital	1. *"Ninguém nunca me ensinou sobre privacidade digital"* (Tertúlia, 08min47s, tradução nossa). 2. *"Devia ter uma matéria na escola sobre como usar a internet de forma segura*" (Tertúlia, 19min55s, tradução nossa). 3. *"Acho legal quando vejo campanhas que falam disso"* (Tertúlia, 26min48s, tradução nossa). 4. *"A gente só fala sobre isso quando acontece algo ruim"* (Tertúlia, 21min15s, tradução nossa).

Fonte: Elaborado pela autora com base nos depoimentos da tertúlia dialógica.

A análise sintetizada no quadro evidencia que a privacidade digital, as experiências de invasão, a convivência com discursos de ódio, a relação contraditória com as redes sociais e o desejo por maior educação digital constituem eixos centrais na vivência online dos nativos digitais. As falas revelam percepções superficiais sobre o conceito de privacidade, sentimento de impotência diante do controle de dados, bem como a normalização de práticas de risco. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade urgente de uma alfabetização digital crítica, capaz de promover maior consciência e autonomia no uso das plataformas. Esses resultados fornecem subsídios para aprofundar a discussão, relacionando-os com o referencial teórico e

identificando possíveis implicações sociais, culturais e educacionais desse cenário.

4.6. Depoimentos marcantes da tertúlia

Para além das análises e interpretações apresentadas nas categorias, alguns relatos da tertúlia merecem destaque por sua intensidade e clareza ao evidenciar como a perda de privacidade, a exposição indevida, a convivência com discursos de ódio, a relação contraditória com as redes sociais e a ausência de uma alfabetização digital crítica afetam diretamente a vida dos jovens participantes. Esses depoimentos, transcritos de forma fiel e acompanhados da marcação temporal original, reforçam que os temas discutidos não se tratam de abstrações teóricas, mas de experiências concretas e recorrentes que moldam o cotidiano e a saúde emocional dos nativos digitais. A seguir, apresentam-se alguns dos testemunhos mais impactantes, que sintetizam de maneira vívida as complexidades e contradições do ambiente digital contemporâneo.

- ***Sensação de impotência diante da coleta de dados***

  "Mesmo que eu coloque tudo no privado, sinto que eles já sabem tudo sobre mim. É como se não tivesse como escapar. Dá uma sensação de estar sempre sendo vigiada, e isso me incomoda, mas também já me acostumei" (Tertúlia, 07min12s, tradução nossa).

- ***Exposição indevida e constrangimento público***

  "Uma vez publicaram uma foto minha sem eu saber, e todo mundo da faculdade viu. Foi muito constrangedor, principalmente porque era uma imagem que eu não queria que circulasse. Fiquei com vergonha de sair de casa por alguns dias" (Tertúlia, 12min44s, tradução nossa).

- ***Clonagem de conta e perda de controle***

  "Me hackearam e mandaram mensagens para meus amigos como se fosse eu. Foi horrível ter que explicar para todo mundo que não era eu, e fiquei com medo de o que mais poderiam fazer com a minha conta" (Tertúlia, 15min28s, tradução nossa).

- ***Ataques à aparência física e impacto emocional duradouro***

  "Já recebi comentários ofensivos sobre minha aparência em uma foto, e mesmo apagando, fiquei pensando nisso por dias. Não é algo que você esquece rápido" (Tertúlia, 18min02s, tradução nossa).

- ***Autocensura por medo de retaliação***

  "Tem coisas que eu penso, mas não posto porque sei que vão me atacar. É como se eu tivesse que me vigiar o tempo todo, medir as palavras e decidir o que vale a pena dizer"

(Tertúlia, 21min38s, tradução nossa).

- ***Dependência emocional das redes sociais***

  "Sei que as redes fazem mal, mas não consigo ficar sem. É onde falo com todos, me atualizo e sinto que faço parte de alguma coisa. Já tentei deletar o aplicativo, mas voltei porque sentia que estava perdendo momentos importantes" (Tertúlia, 09min54s, tradução nossa).

- ***Normalização da exposição como "parte do pacote"***

  "Acho que não tem como usar e não se expor, então tento não pensar muito nisso. Faz parte do pacote, e se a gente ficar preocupado com tudo, não vive" (Tertúlia, 25min11s, tradução nossa).

- ***Falta de orientação formal sobre segurança digital***

  "Ninguém nunca me ensinou sobre privacidade digital. Aprendi sozinha, e acho que aprendi errado. Devia ter algo na escola sobre como usar a internet de forma segura" (Tertúlia, 28min47s, tradução nossa).

4.7. Síntese Final

A análise de conteúdo da tertúlia dialógica com jovens nativos digitais revelou que as experiências relacionadas à privacidade, à exposição indevida e à convivência com discursos de ódio estão profundamente enraizadas no cotidiano digital desse grupo, permeando suas relações sociais, emocionais e educacionais. As cinco categorias identificadas, privacidade digital, invasão de privacidade, convivência com discursos de ódio, relação contraditória com as redes sociais e educação digital/alfabetização digital crítica, não se apresentam como fenômenos isolados, mas como dimensões que se retroalimentam.

Os relatos indicam que, embora haja certo nível de consciência sobre riscos e vulnerabilidades, a compreensão conceitual e prática da privacidade digital permanece restrita, frequentemente limitada a configurações básicas de perfil. Essa visão simplificada favorece a normalização de práticas invasivas e a sensação de impotência frente ao controle de dados pelas plataformas.

As experiências de invasão de privacidade, como vazamento de fotos e clonagem de contas, demonstram que o risco não é abstrato, mas real e recorrente, com impactos psicológicos e sociais relevantes. Paralelamente, a convivência com discursos de ódio evidencia como o ambiente digital pode se tornar hostil, levando à autocensura, ao enfraquecimento da liberdade de expressão e à exclusão simbólica de determinados grupos.

A relação contraditória com as redes sociais, marcada pela dependência emocional e

social, reforça a dificuldade de romper com práticas prejudiciais, mesmo diante da consciência dos riscos. Por sua vez, a carência de iniciativas estruturadas de educação digital crítica agrava a vulnerabilidade dos jovens, deixando-os sem ferramentas para compreender, avaliar e agir de forma segura e ética no espaço online.

Assim, o conjunto de dados analisados indica a urgência de estratégias integradas que articulem políticas públicas, programas educativos e regulamentação das plataformas, de modo a promover um ecossistema digital mais seguro, transparente e inclusivo. Essa transformação demanda o fortalecimento das competências críticas dos usuários, a responsabilização efetiva dos atores envolvidos e a criação de espaços de diálogo e reflexão, como a própria tertúlia dialógica, que permitam ressignificar práticas e reconstruir a confiança nas interações digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender o impacto da perda de privacidade digital e da exposição a discursos de ódio entre jovens nativos digitais de 18 a 25 anos. A articulação entre o referencial teórico e os dados empíricos revelou que esses fenômenos não são apenas experiências isoladas, mas parte de uma dinâmica sociotécnica mais ampla, marcada por práticas de superexposição, vulnerabilidades estruturais e mecanismos algorítmicos que potencializam riscos e desigualdades. Ao mesmo tempo, evidenciou-se que tais impactos extrapolam a esfera virtual, afetando dimensões emocionais, sociais e políticas da vida dos jovens. Esses resultados reforçam a urgência de ações educativas, regulatórias e tecnológicas que promovam um ambiente digital mais seguro, ético e inclusivo, alinhado aos direitos fundamentais e à participação cidadã.

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico, que buscou investigar e analisar referências teóricas sobre a perda de privacidade nas redes digitais, constatou-se, por meio da revisão bibliográfica e das discussões da tertúlia dialógica, que a privacidade online não pode ser entendida de forma isolada, mas como parte de um ecossistema digital que favorece a superexposição e amplia vulnerabilidades. As redes sociais, enquanto espaços de interação e produção de conteúdo, intensificam esse fenômeno, pois incentivam os usuários a compartilharem informações pessoais, muitas vezes sem plena consciência das consequências. Os relatos analisados mostraram que, para muitos jovens, a privacidade digital é percebida como um conjunto limitado de escolhas individuais, como ajustar configurações de perfil, quando, na verdade, envolve estruturas complexas de coleta, tratamento e uso de dados que escapam ao seu controle. Esse cenário confirma a importância de políticas de proteção de dados mais rigorosas e de uma alfabetização digital crítica que permita aos usuários compreenderem e gerirem melhor os riscos.

Quanto ao segundo objetivo específico, que analisou a correlação entre a perda de privacidade e os discursos de ódio nas redes digitais, verificou-se que esses dois fenômenos se interligam de maneira direta. A exposição excessiva aumenta a probabilidade de que usuários se tornem alvos de ataques, assédio e discursos discriminatórios. O anonimato, a lógica algorítmica das plataformas e a ampla circulação de dados pessoais contribuem para que essas práticas se propaguem e se normalizem. Nos relatos dos participantes, ficou evidente que a presença de discursos de ódio não apenas provoca danos emocionais e sociais, mas também gera autocensura, limitando a liberdade de expressão. Assim, a interseção entre privacidade e discurso de ódio revela-se como um problema estrutural, que demanda ações integradas entre

educação, legislação e políticas de moderação mais transparentes e consistentes.

Por fim, em relação ao terceiro objetivo específico, que investigou o impacto da perda de privacidade e dos discursos de ódio na vivência de jovens nativos digitais do Equador, os resultados obtidos por meio da análise de conteúdo demonstram que tais fenômenos afetam de forma concreta o bem-estar e a segurança desses indivíduos. Os testemunhos coletados durante a tertúlia revelaram experiências marcadas por constrangimento, medo, ansiedade e sensação de impotência diante da vigilância constante e das agressões virtuais. A pressão para manter uma presença digital ativa, aliada à dependência emocional e social das redes, leva muitos jovens a aceitarem a exposição como um "custo inevitável" de estar online. Esse quadro reforça a necessidade de iniciativas que promovam a autonomia, a reflexão crítica e a resiliência digital, reduzindo vulnerabilidades e incentivando uma participação cidadã saudável no ambiente virtual.

Além disso, esta pesquisa evidenciou que, à medida que a rede se torna mais social, a sociabilização se torna mais tecnificada. A fronteira entre o público e o privado é constantemente redesenhada, e o íntimo passou a ser exposto como parte da performance identitária nas redes. Essa transformação aponta para uma mudança cultural mais profunda, na qual a visibilidade e o engajamento substituem, muitas vezes, a privacidade e o recolhimento como formas de validação social. Com isso, torna-se essencial compreender as implicações éticas e subjetivas dessa exposição constante, especialmente entre os jovens que cresceram imersos nesse ambiente digital.

Em termos metodológicos, é importante reconhecer as limitações desta pesquisa, sobretudo em relação ao recorte temporal e contextual. O ambiente digital está em constante transformação, e práticas, discursos e plataformas evoluem rapidamente. Assim, os resultados refletem um momento específico do ecossistema digital e das percepções dos jovens participantes, podendo sofrer alterações à medida que novas tecnologias e dinâmicas sociais emergem. Além disso, o número de participantes e a realização da tertúlia em um contexto universitário limitam a generalização dos achados, embora ofereçam um panorama relevante para futuras investigações.

Tendo em vista os resultados obtidos, torna-se indispensável que essas reflexões possam ser trabalhadas mais amplamente, seja nos currículos da educação formal ou informal, assim como em outros âmbitos que possam ser acessados pelos jovens nativos digitais. Essa questão se apresenta como uma possibilidade de continuidade desta pesquisa e de linhas futuras de investigação, que priorizem o bem-estar de jovens e adolescentes diante do consumo de redes digitais. Em uma perspectiva de aprofundamento, uma pesquisa de nível doutoral poderia

expandir o estudo dos conceitos de racismo recreativo, sexismo recreativo e da relação entre discurso e violência, à luz das contribuições teóricas de autores como Judith Butler, Luis Valeiro Denigras e Carlos Arcila, cujas reflexões sobre performatividade, discurso e poder oferecem ferramentas conceituais potentes para compreender a violência simbólica e estrutural nas interações online.

Sugere-se, ainda, que em futuras tertúlias dialógicas se amplie o registro de observações e percepções, de modo a possibilitar análises comparativas entre grupos e contextos distintos. Além disso, seria pertinente considerar a realização de apresentações formais dos resultados para os participantes e comunidades envolvidas, fortalecendo o caráter participativo, ético e educativo da metodologia.

Embora esta pesquisa tenha sido aplicada junto a jovens de uma universidade na cidade de Quito, no Equador, consideramos, com base na pesquisa bibliográfica e na análise documental de relatórios, boletins e mídias de várias regiões do mundo, que esta é uma realidade recorrente em diferentes contextos globais. É necessário e urgente que governos, empresas, universidades e toda a sociedade se mobilizem diante desse fenômeno, que vem impactando a vivência de jovens e adolescentes no mundo todo, e para o qual ainda são escassas as ferramentas capazes de garantir sua segurança e bem-estar.

Em síntese, esta pesquisa confirma que o objetivo geral foi alcançado ao demonstrar que a perda de privacidade e a exposição a discursos de ódio entre jovens nativos digitais configuram problemas reais e estruturais, que exigem respostas urgentes. A partir dos resultados, torna-se fundamental promover uma cultura digital crítica e responsável, sustentada por políticas públicas eficazes, estratégias educativas amplas e práticas tecnológicas éticas, garantindo maior segurança, autonomia e participação para os usuários no ecossistema digital contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ADAME, A. **Redes sociales más usadas en el mundo hispano:** tips para crecer tu presencia y alcance social. Hootsuite, 2019. Recuperado de: https://blog.hootsuite.com/es/redes-sociales-mas-usadas/

ALMEIDA, M. E. B. de. *Discursos de ódio nas redes sociais: desafios e possibilidades*. Revista Observatório, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2018.

AMADO, D.; ETKIN, E.; BAÉZ, L. **La información como herramienta de participación ciudadana.** Buenos Aires: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2019.

AMNESTY INTERNACIONAL. **Surveillance giants: how the business model of Google and Facebook threatens human rights.** 2019. Recuperado de: https://www.amnesty.org/download/Documents/POL3014042019SPANISH.PDF

APARAIN, A. **Concepciones, procesos psíquicos y vinculares del ciberacoso en estudiantes de secundaria de Argentina y México.** Subjetividad y Procesos Cognitivos, v. 23, n. 1, p. 114-138, 2019. Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales. Recuperado de: https://www.redalyc.org/journal/3396/339666619009/html/

ARANGO, G. **Comunicación digital: una propuesta de análisis desde el pensamiento complejo.** Palabra Clave, v. 16, n. 3, p. 673-697, 2013. ISSN 0122-8285. Recuperado de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=649/64930924002

ARNETT, J. **Emerging Adulthood: A Theory of Development from the Late Teens through the Twenties.** *American Psychologist*, vol. 55, no. 5, May 2000, pp. 469–480.

AYUSO, M. **Grooming: "Si no me mandan fotos desnudos, voy a publicar las que ya tengo".** La Nación, 2020. Recuperado de: https://www.lanacion.com.ar/comunidad/grooming-si-no-me-mandan-fotos-desnudos-nid2358981/

BAÑUELOS, J. **YouTube como plataforma de la sociedad del espectáculo.** Revista Razón y Palabra, v. 66, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BBC MUNDO**. ¿Es Facebook para mayores? ¿Por qué los más jóvenes prefieren Instagram y Snapchat?.** BBC Mundo, 2018. Recuperado de: https://www.bbc.com/mundo/noticias-43046214.

BERTOMEU, G. **Nativos digitales: una nueva generación que persiste en los sesgos de género.** Revista de Estudios de Juventud, 2011.

BLANCO, M. **Privacidad en la red: aproximación a las vías de protección.** Tesis de grado. Universidad de Salamanca, 2014. Recuperado de: https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/126502/TG_BlancoHernandez_Privacidad.pdf?sequence=1&isAllowed=y

BOYD, D. **It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens.** New Haven: Yale University Press, 2014.

BOYD, D.; ELLISON, N. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, v. 13, n. 1, p. 210–230, 2007.

BRÖNSTRUP, C.; GODOI, E.; RIBEIRO, A. **Comunicación, lenguaje y comunicación organizacional.** Signo y Pensamiento, v. 26, n. 51, p. 26-37, 2007. ISSN 0120-4823. Recuperado de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=860/86005104

BROWN, A. **What is Hate Speech? Family Resemblances.** *Oxford Journal of Legal Studies*, v. 36, n. 2, p. 590-614, 2017. DOI: https://doi.org/10.1093/ojls/gqw029.

BUCKINGHAM, D. **Defining Digital Literacy.** Nordic Journal of Digital Literacy, v. 10, n. 1, p. 21-35, 2015.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube: Online video and participatory culture**. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2018.

BURGOS, G. **Violencia en redes sociales: ciberbullying en adolescentes usando Facebook e Instagram.** Tesis de grado. Universidad Técnica de Babahoyo, 2020. Recuperado de: http://dspace.utb.edu.ec/handle/49000/8772

CABELLO, R. **Comunicación interpersonal en el espacio digital.** Buenos Aires: CLACSO, 2022.

CABO, A.; GARCÍA, C. **Discurso de odio y redes sociales: desafíos y respuestas.** Madrid: Editorial Síntesis, 2017.

CABRA-TORRES, F.; MARCIALES-VIVAS, G. **Mitos, realidades y preguntas de investigación sobre los 'nativos digitales': una revisión.** Bogotá: Universitas Psychologica, 2009.

CASALE, S.; FIORAVANTI, G. *Fear of Missing Out Scale: Relationships with Social Media Engagement and Problematic Social Media Use*. Psychiatry Research, v. 268, p. 87–93, 2018.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTELLS, M. **Comunicação e poder.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CNN. **Nativos digitales: ¿Quiénes son y qué significa?.** CNN en español, 2013. Recuperado de: https://cnnespanol.cnn.com/2013/01/25/nativos-digitales-quienes-son-y-que-significa/

CORRECHER, D. **Seguridad y privacidad de los menores en las redes sociales.** Tesis de grado. Universidad Politécnica de Valencia, 2011. Recuperado de: https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/11853/Memoria.pdf

COSTA, L. C.; SILVA, M. F. **Privacidade digital e proteção de dados pessoais.** Revista de Direito, v. 11, n. 2, p. 34-52, 2019.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. **The Costs of Connection: How Data is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism.** Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRESWELL, J. W. **Pesquisa qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Porto Alegre: Penso, 2007.

DATAREPORTAL. **Digital 2023: Ecuador**. DataReportal, 2023. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report

DEL BARRIO, A.; RUIZ, I. **Hábitos de uso del WhatsApp por parte de los adolescentes.** Revista Infad, v. 2, p. 22-30, 2017. Recuperado de: https://www.redalyc.org/pdf/3498/349853220003.pdf

DELARBRE, R. T**. Internet como expresión y extensión del espacio público.** Revista Matrizes, v. 2, n. 2, 2009. Recuperado de: https://rtrejo.files.wordpress.com/2012/04/internet-como-expresic3b3n-del-espacio-pc3bablico-matrizes-2-2009.pdf

DENZIN, N. K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods.** 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1978.

DÍAZ, A. **La autorregulación en redes sociales como forma de garantizar los derechos de intimidad, privacidad y protección de datos personales.** Derecom, v. 13, p. 125-143, 2013. Recuperado de: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4330473

DÍAZ, G.; UPEGUI, G. **Análisis del uso comunicativo de Tinder en estudiantes de Comunicación Social de la USC.** Tesis de grado. Universidad Santiago de Cali, 2019.

DÍAZ, L. **Teorías de la Comunicación.** Ciudad de México: Red Tercer Milenio, 2012.

DÍAZ, V. **Una niña en Colombia fue contactada por una red de pedofilia en TikTok; le escribían desde un número de Ecuador.** El Comercio, 2020.

DONEDA, D. **Da privacidade à proteção de dados pessoais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2019.

EL COMERCIO. **Daniela, testimonio de acoso en Quito que estremece redes sociales.** El Comercio, 2019. Recuperado de: https://www.elcomercio.com/actualidad/daniela-testimonio-acoso-quito-redes.html

EL COMERCIO. **TikTok, pedofilia y sus vínculos con Colombia, Ecuador y WhatsApp.** El Comercio, 2020. Recuperado de: https://www.elcomercio.com/actualidad/tiktok-pedofilia-colombia-ecuador-whatsapp.html

EL PAÍS**. Los peligros de TikTok y cómo manejarse.** Diario El País, Uruguay, 2020. Recuperado de: https://www.elpais.com.uy/domingo/peligros-tiktok-manejarse.html

ELBOJ, C., & GÓMEZ, J. (2003). **El giro dialógico de las Ciencias Sociales: hacia la comprensión de una metodología dialógica.** Barcelona: CREA.

ERIKSON, E. **Identity: Youth and Crisis.** New York: W. W. Norton & Company, 1968.

ERRANDOSORO, E.; ELISSONDO, A. **Nativos digitales: características que influirían en la aplicación de TIC en el proceso educativo - Situación en la FCE – UNICEN.** UNICEN, 2009. Recuperado de: https://recursos.educoas.org/sites/default/files/12911.pdf

FANTIN, M. **Educação para as mídias digitais: questões éticas, culturais e políticas.** Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 15, n. 38, p. 12-29, 2018.

FLORES, J. **Privacidad, factor de riesgo y protección en la violencia digital contra las mujeres.** UNIA, p. 313-321, 2015. Recuperado de: https://dspace.unia.es/bitstream/handle/10334/3528/978-84-7993-2817_2da.pdf?sequence=3&isAllowed=y

FREIRE, P. (1997). **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d'Água.

FUCHS, C. **The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power.** PublicAffairs, 2020.

FUNES, A. **Qué es TikTok y por qué triunfa entre los adolescentes.** El español, 2020. Recuperado de: https://www.elespanol.com/curiosidades/tiktok/que-es-tiktok-app-aplicacion-triunfa-adolescentes-musica-videos-viral-menores/523447885_0.amp.html

GAGLIARDONE, I.; GAL, D.; ALVES, T.; MARTINI, G. **Countering Online Hate Speech.** Paris: UNESCO Publishing, 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233231.

GALTUNG, J. **Cultural Violence.** Journal of Peace Research, v. 27, n. 3, 1989.

GARCÍA, C.; NAVARETE, M.; MAGAÑA, D.; RUIZ, M. **Redes sociales, usos positivos y negativos: caso Facebook. Revista Científica Electrónica de Educación y Comunicación en la Sociedad del Conocimiento,** v. 15, 2014.

GELBER, K.; MCNAMARA, L. **Evidencing the harms of hate speech.** *Social Identities*, v. 22, n. 3, p. 324-341, 2016. DOI: https://doi.org/10.1080/13504630.2015.1128810.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, H**. Los Estudios Culturales y los Estudios de la Comunicación. Las membranas del tiempo y del espacio en la era de la comunicación digital.** Razón y Palabra, vol. 67, pp. 1-21, 2009.

HABERMAS, J. **Teoria da ação comunicativa**. Vol. I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HOBBS, M.; OWEN, S.; GERBER, L. **Liquid love? Dating apps, sex, relationships and the digital transformation of intimacy**. Journal of Sociology, v. 53, n. 2, p. 271–284, 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/1440783316662718.

IGARTUA, J.; HUMANES, M. **Teoría e investigación en comunicación social.** Madrid: Síntesis, D.L. 2009. ISBN: 8497562267. Recuperado de: https://repositorioinstitucional.ceu.es/handle/10637/2491

IMBERT, G**. La tribu informática: identidades y máscaras en Internet.** España: Revista de Estudios de Juventud, 2011.

INEC. **Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC)**. Quito: Instituto Nacional de Estadística y Censos, 2019. Disponível em: https://www.ecuadorencifras.gob.ec/.

ISLAS, C. **Prevención del robo de datos personales mediante apps de redes sociales** (Tesis de grado). México: UAEM, 2018. Recuperado de: http://ri.uaemex.mx/handle/20.500.11799/100032

IXCOT, J. **El uso de WhatsApp en la comunicación entre adolescentes.** (Tesis de grado). Universidad de San Carlos, Guatemala, 2017. Obtenido el 10 de noviembre de 2020 de: http://biblioteca.usac.edu.gt/tesis/16/16_1571.pdf

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JIMÉNEZ, A. **Ciberacoso y violencia digital en adolescentes.** Madrid: Editorial CCS, 2014.

JIMÉNEZ, J. **Riesgos de las redes sociales informáticas** (Tesis de grado). Málaga: Universidad de Málaga, 2014.

JODAR, J**. La era digital: nuevos medios, nuevos usuarios y nuevos profesionales.** Razón y Palabra, vol. 71, 2010. Recuperado de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=1995/199514914045

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAVER, T.; HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C. **Instagram: Visual social media cultures**. Cambridge: Polity Press, 2020.

LÉVY, P. **Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

LIVINGSTONE, S. **Internet literacy: A neglected core competency?** American Behavioral Scientist, v. 48, n. 4, p. 1-22, 2004.

LIVINGSTONE, S. **Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression.** New Media & Society, v. 10, n. 3, p. 393–411, 2008.

LOAIZA, Y**. El disfraz pederasta.** Ecuador: GK, 2019. Recuperado de: https://gk.city/2019/07/01/grooming-ecuador-pederastia/

LOSTALÉ, E**. Las redes sociales más populares entre adolescentes.** Recuperado el 9 de noviembre de 2020 de: https://www.kanlli.com/social-media-marketing/redes-sociales-mas-populares-entre-adolescentes/

LUTZ, C.; RANZINI, G. **Where dating meets data: Investigating social and institutional privacy concerns on Tinder**. Social Media + Society, v. 3, n. 1, p. 1–12, 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/2056305117697735.

MARTÍNEZ, A. **Revisar las políticas de privacidad de redes sociales puede tomar 180 horas.** El Financiero, 2014. Obtenido el 10 de noviembre de 2020 de: https://www.elfinanciero.com.mx/empresas/revisar-las-politicas-de-privacidad-de-redes-sociales-puede-tomar-180-horas

MARTÍNEZ, V**. Cultura digital: ventajas y desventajas de la red global.** México: Razón y Palabra, 2006.

MARWICK, A. E.; BOYD, D. **The privacy paradox: Social media and the ethics of online engagement.** The Information Society, v. 34, n. 4, p. 203-210, 2018.

MATOS, C. **Discursos de ódio e redes sociais digitais.** Revista Comunicação Midiática, v. 15, n. 1, p. 60-78, 2020.

MCLUHAN, M**. Understanding Media: The Extensions of Man.** EEUU: The MIT Press, 1994. Recuperado de: https://b-ok.lat/book/684695/dc15dc

MÉNDEZ, A.; RODRÍGUEZ, P. **Sociedad red y cultura digital.** Madrid: Alianza Editorial, 2011.

MÉNDEZ, S.; RODRÍGUEZ, E. **Consecuencias futuras del despertar de una generación de adolescentes digitales.** Escenarios posibles. España: Revista de Estudios de Juventud, 2011.

MILAN, S.; TRERÉ, E. **Big Data from the South: Beyond Data Universalism.** *Television & New Media*, v. 20, n. 4, p. 319-335, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/1527476419837739.

MONTAÑO, C.; CRUZ, E. **TikTok como dispositivo de subjetivación juvenil: performance, algoritmos y cultura digital**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 18, n. 33, p. 149–164, 2021.

MORCILLO, J**. Seguridad y prevención en redes sociales. Responsabilidades legales y menores en Internet.** España: UNIA, 2015, pp. 71-110. Recuperado de: https://dspace.unia.es/bitstream/handle/10334/3528/978-84-7993-281-7_2da.pdf?sequence=3&isAllowed=y

MOREIRA, V. **Technologies and classroom teaching distance.** Campinas, SP: Papirus, 2019. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/336312796_Qualitative_Research_on_Educational_Technology_in_Latin_America

MOROCHO, F. **Instagram: Uso y motivaciones de los jóvenes.** (Tesis de grado). Universitas Complutensis Matritensis, Madrid, 2019. Obtenido el 10 de noviembre de 2020 de: https://eprints.ucm.es/57495/1/INTAGRAM%20USO%20Y%20MOTIVACIONES%20DE%20LOS%20JO%CC%81VENES%20.pdf

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ODS.** Brasil: ONU, 2025. Recuperado de: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs

OCHAITA, E.; ESPINOSA, M.; GUTIÉRREZ, H. **Las necesidades adolescentes y las nuevas tecnologías de la información y la comunicación.** España: Revista de Estudios de Juventud, 2011.

PAPAGEORGIOU, A.; TSAKANIKAS, A.; FOUNTAS, P. **Privacy and social media: New threats in the digital age. Journal of Digital Culture & Society**, v. 5, n. 3, p. 24-39, 2021.

PERALTA, G**. Plataformas digitales y su importancia en la edición de video para sus contenidos** (Tesis de grado). Ecuador: Universidad Técnica de Babahoyo, 2020. Recuperado de: http://dspace.utb.edu.ec/bitstream/handle/49000/8857/E-UTB-FCJSE-CSOCIAL-000349.pdf?sequence=1&isAllowed=y

PÉREZ, A. Escuelas 2.0. **Educación para el mundo digital.** España: Revista de Estudios de Juventud, 2011.

PÉREZ, B.; PASTOR, Y.; ABARROU, S**. Los youtubers y la construcción de la identidad adolescente.** Revista Comunicar, v. 55, p. 61-70, 2018. ISSN: 1134-3478; e-ISSN: 1988-3293.

PÉREZ, F. **Las nuevas redes sociales ¿moda o revolución?** Nuestro Tiempo, 2010. Obtenido el 21 de octubre de 2020 de: https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/11993/1/Las%20nuevas%20redes%20sociales%2c%20moda%20o%20revoluci%c3%b3n.pdf

PEW RESEARCH CENTER. **YouTube, Instagram and Snapchat are the most popular online platforms among teens**. 2018. Disponível em: https://www.pewresearch.org/internet/2018/05/31/teens-social-media-technology-2018/pi_2018-05-31_teenstech_0-01/

PITA, E. **Diez menores denunciaron acoso con sus fotos de «sexting» este año**. España: La Voz de Galicia, 2017. Disponível em: https://www.lavozdegalicia.es/noticia/vigo/vigo/2017/09/12/diez-menores-denunciaron-acoso-fotos-sexting-ano/0003_201709V12C1995.htm.

PRATO, L. **Proyecto de investigación y utilización de la web 2.0 para aplicaciones educativas en la U.N.V.M.** Villa María: Digitalia, 2010.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

RIBEIRO, G. L. **El espacio-público-virtual**. 2002. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/18386.

RIBEIRO, J. C. **Educação midiática crítica e cidadania digital.** Revista Interações, v. 17, n. 1, p. 45-61, 2021.

RODRÍGUEZ, A. **¿Cuáles son las redes sociales preferidas por los ecuatorianos?**. *Diario El Comercio*, 2020. Disponível em: https://www.elcomercio.com/tendencias/redes-sociales-preferidas-ecuador-tecnologia.html.

SAAVEDRA, A. **Tinder: los riesgos de la aplicación que es furor**. Argentina: Clarín, 2015. Disponível em: https://www.clarin.com/tech/tinder-buscar_pareja-aplicacion-app-hombres-mujeres-citas-conocer_0_ryOsRf5v7x.html.

SALAVERRÍA, R. **Cibermedios: el impacto del internet en los medios de comunicación en España**. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2009. ISBN 9788492860029 (versão Ebook). Disponível em: https://books.google.com.ec/books?id=Jp1bOVJvO2IC.

SCOLARI, C. **Narrativas transmedia: nuevas formas de comunicar en la era digital**. *Anuario de Cultura Digital*, 2014. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/52211715/6Transmedia_CScolari.pdf.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SISÓN, C. **Instagram: La Red Social de Moda**. 2017. Tese (Graduação) – Universidad de Zaragoza, Espanha. Disponível em: https://zaguan.unizar.es/record/62712?ln=es#.

SOLOVE, D. **Understanding Privacy.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.

SUÁREZ, B. **Whatsapp: su uso educativo, ventajas y desventajas**. *Revista de Investigación en Educación*, v. 16, n. 2, p. 121-135, 2018. Disponível em: http://reined.webs4.uvigo.es/index.php/reined/article/view/340/383.

SUÁREZ, J. **WhatsApp: usos, dimensión emocional, beneficios y perjuicios en la vida de estudiantes universitarios**. Espanha: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 2018. Disponível em: https://accedacris.ulpgc.es/bitstream/10553/52679/2/15.WhatsApp_usos_dimension.pdf.

SULMONT, L. **Recursos educativos digitales: procesos de mediación y mediatización en la comunicación pedagógica**. *Revista Digital De Investigación En Docencia Universitaria*, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.19083/ridu.1.36.

TAPSCOTT, D.; WILLIAMS, A. D. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

TOBAL, H. **La evolución del marketing digital: el caso de Youtube**. 2017. Tese (Graduação) – Universidad Politécnica de Cartagena, Colômbia. Disponível em: https://repositorio.upct.es/bitstream/handle/10317/6033/tfg-tob-evo.pdf?sequence=1&isAllowed=y

TOBAR, N. **La Comunicación: el impacto de su transformación a través de los años en las empresas**. 2013. Tese (Graduação) – Universidad San Francisco de Quito, Quito.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TORO, J. **Comunicación estratégica para campañas de publicidad social**. *Pensar la Publicidad*, Bogotá, v. 4, n. 2, p. 160-190, 2010. Disponível em: https://revistas.ucm.es.

TUFEKCI, Z. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, 2017.

TURKLE, S. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other.** New York: Basic Books, 2017.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad: Una historia crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. Disponível em: https://catedradatos.com.ar/media/La-cultura-de-la-conectividad_-Jose-Van-Dijck.pdf.

VIZCAÍNO, R.; GARCÍA, B.; LÓPEZ DE AYALA, M. **Participación y compromiso de los jóvenes en el entorno digital. Usos de las redes sociales y percepción de sus consecuencias**. *Revista Latina de Comunicación Social*, v. 74, p. 554-572, 2019. Disponível em: http://www.revistalatinacs.org/074paper/1345/28es.html.

WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE. **Digital 2019: Global Digital Overview**. 2019. Disponível em: https://wearesocial.com/uk/blog/2019/01/digital-in-2019-global-internet-use-accelerates/

XU, L. **Research on the Causes of the "Tik Tok" App Becoming Popular and the Existing Problems**. *Journal of Advanced Management Science*, China, v. 7, n. 2, p. 59-63, 2019. Disponível em: http://www.joams.com/uploadfile/2019/0613/20190613034911476.pdf.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power**. New York: PublicAffairs, 2019.